Voz de S. Antonio

Revista mensal illustrada

Abençoada por S. S. o Papa Leão XIII pelo Ex.mo Ordinario e varios Prelados.

N.º 6

JUNHO
SÉRIE 4.ª
8.º anno

CHRONICA LIGEIRA

A tolerancia maçonica. — Tambem por cá. — Invasão de triangulos na Hespanha. — Missão anti-maçonica dos Centros Nacionaes.

Estão fartos, tem os meus leitores de ouvir falar philantropia, humanitarismo e tolerancia maçonica; terão ouvido dizer que á sombra do negro pendão maçonico podem militar todas as crenças, que os triangulos da maçonaria dizem tão bem sobre o manto real, como sobre o mantelête do bispo, tão bem sobre a casaca do secular como sobre a sotaina do ecclesiastico.

Sim senhor. Muito tolerante, mas ás avessas. E ahi vão alguns factos fresquinhos de agora, que os velhos são innumeraveis.

O primeiro é de tres do corrente.

Foi o caso que Morayta, Grão Mestre da maçonaria hespanhola, para solemnisar a memoria do popularesco Garibaldi, passou portaria official a todas as lojas regularmente organisadas, mandando fizessem reuniões solemnes, conferencias sobre qualquer doutrina maçonica, ou maçonizante, bailes, regosijos publicos etc.

O papá foi promptamente obedecido.

Imaginem os leitores quantas baboseiras não vomitariam contra a religião os endiabrados dos *triangulígeros*. Berraram, berraram contra o clericalismo, até lhes cahirem os quadris.

Depois de despejarem as entranhas ferinas de todo fel anti-jesuitico, os irmãosinhos de Madrid, para se salientarem das mais lojas, porque emfim sempre são da maçonaria da capital, votaram por accordo commum terminar as pandegas garibaldinas com o acto humanamente heroico de apedrejar o palacio do Snr. Nuncio Apostolico.

Foram encarregados da missão philantropica os mações miudos, os irmãos minusculos, que a maçonaria compra barato nas fabricas e officinas para bestas de toda a carga: para dar vivas e morras segundo os casos.

Mas não sahiram bem do intento, porque emquanto os heroes se aqueciam com libações baquicas, n'uma taberna da praça de Puerta Cerrada, a policia deu com elles com os beiços na botija, e apartou o rebanho desordeiro.

Que mal fazia no seu palacio o Snr. Nuncio? Nenhum, mas a maçonaria gostou de dar provas da sua humanidade tolerante.

O segundo é do meado d'este mez. Soubemol o agora mesmo de Valencia, cidade muito maçonisada, graças aos esforços do celebre irmão Blasco Ibañez.

Foi assim:

Costuma a camara municipal, concorrer com fundos apropriados, para as festas do Corpo de Deus. Pois, este anno, os membros da actual camara, mações na quasi totalidade, negaram-se a dispender, na dita festa, os fundos depositados para este fim promptificando-se, a abrilhantar os festejos, com espectaculos, bailes jogos publicos e outros regosijos profanos. Isto impacientou os catholicos valencianos, que n'um auge de zelo, tomaram á sua conta as despesas, apresentando, a seu tempo, as pomposas solemnidades dos mais annos.

Mas a maçonaria quiz patentear o seu espirito tolerante, vingando se da fé dos valencianos, e fêl-o.

Quando a magnifica procissão percorria o itenerario consagrado pelo uso, postaram-se aos bandos os filhos das lojas, nos locaes mais a proposito, dirigindo os insultos mais grosseiros aos fieis e sacerdotes encorporados no prestito, e trauteando, de cabeça coberta, a Marcelheza. Não contentes com isto cahiram sobre a sagrada custodia com furor satanico para a atropelar. O barulho, tão indecoroso n'um acto digno de respeito para qualquer individuo educado, foi grande, mas o corpo de tropa, que fazia guarda ao Santissimo, não deixou realisar o depravado intento.

Que tolerancia maçonica! Que humanitarismo!...

*
* *

Por cá tambem cousas frescas ha.

Li n'um diario catholico uma carta a este proposito, digna de notar-se.

Dizia o assignante da tal carta que a mesa da Misericordia de Coimbra, presidida por um lente de direito, resolvera secularizar uma capella a que está annexo um legado perpetuo de uma missa, em todos os dias santos e domingos. Não se dando o facto por escacez de meios, por ser a dita Misericordia uma das mais ricas do reino, e andando urdidas na meada varias personalidades maçonicas, affirmam intendidos, que os mações conimbricenses pretendem a dita capella para templo do Grande Architecto. Acredito facilmente porque estorvar quanto possam as manifestações do culto catholico, ou por aqui ou por acolá, é no que consiste a tolerancia maçonica.

*
* *

Li ha dias n'uma revista de Hespanha, que os mações da nação visinha, esperam anciosos o beijo fraternal de cincoenta irmãos em Satanaz seu pae, que vem cumprimental os em nome de cincoenta lojas francezas e belgas. Dizem que a cafila vem pagar a visita dos tres deputados hespanhoes, que fôram representar a hespanha maçonica, no congresso internacional da união maçonica latina, reunido ha mezes em Paris.

Que progresso não traria á geometria portugueza uma enchurrada de triangulos d'este jaez? E' para envejar.

Constou que as lojas portuguezas tambem se fizeram representar no tal congresso, é pois muito provavel que sejamos invadidos qualquer dia por uma caterva de pedreiros livres de esquadro a tiracolo e camartelo em punho.

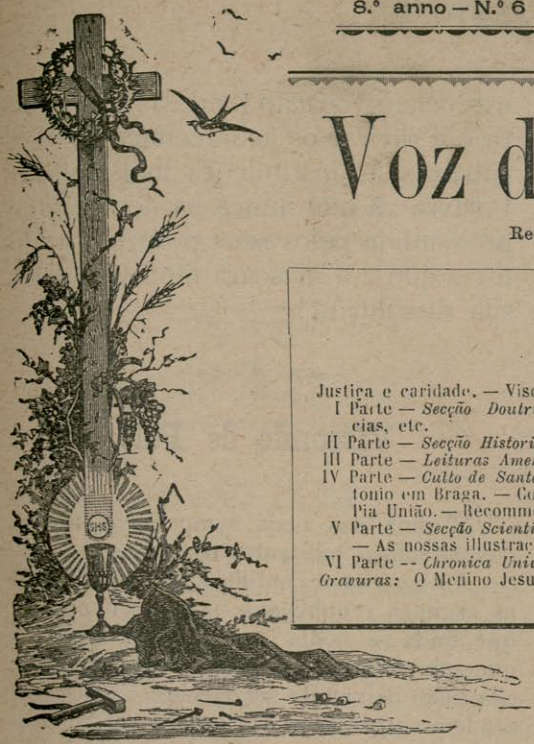
São amigos da pandega estes orfansinhos da viuva. Emquanto a vidinha lhes vae durando, inda a coisa não vae mal, mas o peor é o que está para lá da campa. Deixal os. Que lá se avenham com o seu Grande Architecto e Satanaz seu pae, a quem amam e a quem só servem.

*
* *

Mas deixemos de caçoar. E' necessario que os catholicos olhem muito a serio, para o movimento maçonico, que vae em toda a Europa. Todos os governos europeus estão mais ou menos maçonizados. As nações latinas essas são governadas totalmente pelas lojas. Nós mesmos, podemos affirmal-o, somos **desgovernados** por um governo maçon. Todos os despauterios governamentaes que se téem visto, não são partos rachiticos de intelligencias mesquinhas, são sim actos extorquidos e imperados ao ministerio pela maçonaria governamental.

O alvoroço anti-religioso que se agita por toda a parte, não é causado, pelo anarchismo, socialismo republicanismo e liberalismo intransigente; é filho

8.º anno — N.º 6 4.ª SERIE Junho — 1902



Voz de S. Antonio

Redacção e administração — Braga

SUMMARIO

Justiça e caridade. — Visconde de Poli.
I Parte — *Secção Doutrinal:* Leão XIII. — O Beato Nevolonio. — Paz. — Indulgencias, etc.
II Parte — *Secção Historica:* Uma heroina. — Pensamentos. — Anecdotas.
III Parte — *Leituras Amenas:* Junto ao Tejo: uma familia interessante.
IV Parte — *Culto de Santo Antonio:* Em honra de Santo Antonio—O Pão de Santo Antonio em Braga. — Covilhã — Ouro Preto, etc. — Os cofres. — Novos membros da Pia União. — Recommendações. — Os nossos defuntos.
V Parte — *Secção Scientifico-Litteraria:* Quadros Biblicos. — Esther. — Bibliographia. — As nossas illustrações.
VI Parte — *Chronica Universal:* Roma. — Portugal, Hespanha, etc.
Gravuras: O Menino Jesus e S. João. — Uma catarata. — Pulpito de Omar.

Editor — D. J. de Souza Gomes.

Pap. e Typ. Universal — Augusto Costa & Mattos.

JUSTIÇA E CARIDADE

A CARIDADE, com ser o complemento da lei, é tambem a primeira e a ultima aspiração da vida social, e faz com a força da liberdade o que a lei opéra por via da obrigação.

E' por isso que a caridade, ao passo que dá perfeito e universal andamento ás coisas, aperfeiçoa a justiça, une o homem com Deus e mette-o em fóco de todas as leis existentes.

A caridade, pois, é a unica potencia capaz de imprimir ás rodas da vida humana o cunho da uniformidade e da constancia.

Mas, sendo o homem fragil e debil, a sua vontade, a familia humana de que o homem faz parte nem sempre é capaz dos grandes sacrificios da caridade. E' então que rareando a caridade apparece a justiça, e os poderes humanos mettem a força da espada ao serviço da concordia.

Resta porem saber se essa justiça humana, divorciada da caridade, pode prescindir por seu turno da justiça espiritual que está no exacto cumprimento da lei e na união com Deus pela obediencia.

A justiça considerada em suas relações com a ordem temporal é simplesmente a conformidade dos actos humanos com a lei humana emanada de auctoridade tambem humana.

Está pois tão longe da justiça sobrenatural como a terra do ceo. E assim uma sociedade que assenta na justiça puramente humana não pode ter garantias seguras de tranquillidade ou duração, e mais cedo ou mais tarde cairá por falta de fundamento como um edificio montado em areia movediça.

Só a vida moral é vida social ver-

dadeira por que só n'ella reside Deus, fonte primacial de toda a vida. Deus communica-se pelo amor ás nações que demandam a felicidade e pelo amor as arrasta á posse d'essa perfeita justiça que firma o equilibrio nas forças do grande corpo social.

A moderna civilisação adulterou as grandes idéas do christianismo e a uma doutrina d'amor e de justiça sempiterna substituiu os odios implacaveis da revolução.

Querendo fazer tudo sem Deus, fez tudo proceder d'uma *justiça racional* de que o homem é a um tempo creador e creatura.

«A justiça, diz Proudhon, é efflorescencia do nosso espirito. Lei e legislador são uma e a mesma coisa e esta lei e este legislador são o homem. N'isto consiste a lei vivente, consciente, personificada. A justiça é a humanidade.»

D'est'arte, tudo tem de se mover e determinar nas sociedades liberaes modernas ao sopro d'esta justiça immanente (na humanidade) que é alma da sociedade. Sob o imperio d'esta força secreta a que cede tudo irresistivelmente, os individuos occupam por si mesmos o logar que lhes compete na vasta galeria dos seres. São como rodas d'um relogio que tivesse em si proprio o principio de seus movimentos e a consciencia das funcções que executa.

N'uma ordem social assim preconcebida, cada homem faz appello aos proprios direitos e a ninguem cuida ter obrigações. Tudo é necessario, tudo é fatal como a lei da *razão pura* em torno da qual gravitam os homens.

E ainda se falla de liberdade nos devaneios d'esta escola democratica! Horrorosa liberdade é esta que por essencia e vocação tende a fazer guerra e a revirar os acontecimentos, derrubando as instituições mais solidas. Palavra vã que nunca ha de ser comprehendida pelos seus proprios arautos e que é a mascara monstruosa da sua dissolução!

Visconde de Poli

E' uma das mais sympathicas figuras dos catholicos militantes francezes.

Antigo zuavo pontificio; prefeito, (1) já no regimen republicano, mas em tempo em que ainda se podia suppôr que, qualquer que seja a forma governativa de um povo, ella póde deixar de ser facciosa; official da academia; grã-cruz das ordens de S. Gregorio Magno, Santo Sepulchro, Isabel a Catholica e Francisco I; commendador das de S. Silvestre, S. Jorge, Carlos III, S. Miguel e Corôa de Carvalho; cavalleiro das de Malta, Pio IX e Teutonica; presidente da *Associação dos Cavalleiros Pontificios* e do *Conselho Heraldico de França*, homem de lettras distincto nos mais variados ramos litterarios, taes como, na historia, archeologia, polemica, poesia, politica, conto, romance, fabula, — o visconde de Poli tem a coroar tantos e tão apreciaveis requisitos dignos da publica consideração, um caracter de oiro da mais fina tempera, que se reflecte na sua physionomia franca e sympathica.

Esteve, faz agora pouco mais ou menos um anno, em Lisboa onde veiu depôr nas mãos de el-rei e da rainha um trabalho historico, prefaciado por elle, e intitulado *Memoires sur le mariage de l' infante Isabelle,* (2) *par Claude de Guenegaud,* (3) o qual valeu ao auctor um distincto escriptor da nação christianissima o snr. Alexandre de Coche de la Fertá o titulo de barão.

Todos os que com o illustre hospede

(1) Corresponde no nosso paiz ao logar de governador civil; nosso biographado exerceu-o no tempo do Duque de Magenta.

(2) Filha de el-rei D. Pedro II.

(3) Embaixador ao tempo em Lisboa.

travaram conhecimento, como nós, ficaram conservando d'elle as mais gratas impressões.

Oxalá algum dia se repita outra vez tão apreciavel visita .. e que esse dia seja breve, são os ardentes votos de um dos seus mais dedicados e reconhecidos admiradores.

Secção doutrinal

Leão XIII

QUEM comtempla os varios Estados que entre si repartem a Europa, avista, mais alto que todas as testas coroadas, lá ao longe, n'um monticulo historico chamado o Vaticano, uma Realeza, que a todas sobrepuja e illumina. De quantas blazonam antiguidades, é a mais vetusta. Não tem um palmo de terra, e possue o mais vasto dos territorios. Não se ufana de nobrezas heraldicas e adorna-se com uma tiára singular, composta de tres diademas.

Quem é esse Rei?

Oh! é bem maior que um Rei.

E' um velho austero, sereno, resignado, firme no seu posto de honra.

Despovoaram-lhe os invernos aquella fronte sympathica, alquebraram-lhe a estatura os estudos e a meditação; gastaram-se-lhe as forças nas praticas da virtude; amarguraram lhe o olhar desenganos e ingratidões.

E comtudo não descança; não refoge á tarefa; não succumbe. Do alto da torre de vigia, volve á decadente Europa moderna os seus olhos paternaes; a sua voz, que é um sopro do Evangelho, resôa como uma caricia; as suas mãos erguem-se para o céo n'um arroubo intimo, feito de muita Fé e muito Amor.

Nunca dirige aos povos o balsamo dos seus conselhos, senão com o fito no bem geral. Nunca escuta os gemidos da humanidade, sem que as lagrimas deslisando-lhe nas faces maceradas, venham como orvalho celeste, mitigar as agonias universaes.

Despojaram-o do que era seu, legitimamente seu; e não se lhe ouve uma exprobação. Encapellam-se em volta do seu throno espiritual as espumas da impiedade n'uma demencia de furor; e a mão d'elle, erguida para a benção, lança por sobre os insultos dos seus encarniçados inimigos o que ha mais solemne no mundo — o signal da Cruz.

E' que não sabe nem póde desmentir o seu titulo; e o seu titulo pastoral, de instituição divina, significa em duas syllabas os affectos todos do céo e da terra; o seu titulo, transmittido ao longo das edades, desde S. Pedro e S. Lino até hoje, n'uma sequencia de quasi dezenove seculos, significa «Pae». Esse nobre velho é o Pae de todos nós.

De joelhos, christãos! de joelhos! Aquella Realeza não morre, não passa, não diminue, não se transforma. Aquella Realeza é a imagem, a representante de Deus. Aquelle Infallivel é o Vigario de Christo.

Teve o primado de Pedro entre os demais apostolos, um pensamento espantoso, um fito sublime, nada menos que a unificação da egreja christã. A unidade da egreja é dogma. Ora essa unidade realisa-a, sem esforço, sem violencia, a Cathedra do Vaticano. Centenares de sacerdotes a teem occupado, entre vicissitudes sem numero; esses centenares de homens são um só homem; o Catholicismo é uno e indivisivel.

O pensamento d'esse eleito expande-se por todo o orbe, aquece as regeladas solidões da descrença; insinua-se nas vontades; fecunda os entendimentos; anima os corações. D'alem, da séde de sapiencia, dimana um fluido divino, que é a verdadeira civilisação. Nunca houve dôr humana, que o Pae venerando de todos os christãos não comprehendesse e que elle não ouvisse; lagrima, que elle não enxugasse.

O christianismo é tudo; e aquelle ancião, quasi duas vezes millanario, personifica em si mesmo o christianismo.

Do Vaticano parte o succo vital que sustenta as gerações. Assim como a seiva se propaga do tronco ás ramadas, das ramadas aos ramos, dos ramos aos rammunculos, ás flores, aos fructos, assim tambem a idéa religiosa se expande d'aquelle tronco para os supremos pastores diocesanos; d'elles para os parochos; e dos parochos para as familias e para os individuos.

O Vaticano é a fonte de Siloé, em que se banha e refrigera a humanidade inteira,

e em que os cegos de entendimento não poucas vezes recobram a vista.

Mas tambem (oh! compensação celeste!), que immenso, que assombroso côro de bençãos, se não houve por toda a parte! Qual é o coração d'onde não brota uma prece de gratidão, que, atravessando cordilheiras e mares, vae bafejar de ternuras aquelle Homem divino? Qual é o pobresinho humilde, cuja voz não abençoa aquella figura sobrehumana, que em si compendia todas as seducções porque em si resume a Caridade? Qual foi na edade média, e depois d'ella, a Potencia secular que não devesse ao Summo Pontifice conselhos, direcções nobres e salutares, quando as circumstancias politicas as reclamavam? Qual foi, em geral, o povo que lhe não merecesse desvellos e protecção?

Desenganem-se os antagonistas da egreja catholica: as liberdades e immunidades populares tiveram sempre n'esse Ente sagrado um estrenuo defensor.

Elle foi, elle é, elle será, o maior e mais dedicado amigo da liberdade na ordem Sim; ha-de sel-o sempre. Transformam-se as nações; modifica-se o reticulado da carta geographico-politica; ruem os imperios mais florescentes, abysmam-se no olvido os nomes primaciaes da historia profana. O Papa lá está; permanece; é immutavel; é eterno.

Chegamos a uma situação critica da historia do mundo, este revolto e incerto final do seculo XIX.

Degladiam desenfreadas as paixões mais oppostas; as classes pobres extorcem-se n'um mal-estar que as acabrunha e transvia, graças ás perfidas suggestões de alguns desorientados que as exploram; ergue o collo sangrento, como as serpes de Laocoonte, o nihilismo, que é o disfarce illogico da logica; as classes altas mal preparadas para a lucta, sentem-se roidas de ambições, acobardadas, perplexas; a philosophia, despida da forma religiosa, é impotente para a consolação; vacilam os thronos mais antigos, atalayas da ordem edificadas por Deus; o cariz do firmamento é lôbrego e ameaçador. A humanidade caminha, e não sabe para onde vae.

N'este momento historico, levanta a Providencia ao leme da barca de Pedro um venerando Pastor, que os imprescrutaveis designios entenderam util, indispensavel.

E' elle, é o Santo Padre Leão XIII.

Era necessaria a palavra, e Elle tem a palavra. Era necessaria a sciencia, e Elle tem a sciencia. Era necessaria a uncção, a prudencia unida ao tacto, e Elle tem isso tudo. Era necessaria a conciliação, a harmonia, o esquecimento de aggravos, e Elle é o conciliador por excellencia, o harmonisador, o magnanimo.

Nós, cá no mundo, no nosso pouco, mantemos no coração os ressentimentos, muita vez os rancores; entregamo-nos ás profanidades, ás frivolidades vaidosas. Elle, lá no seu pincaro, trabalha, ama e sabe esquecer. Nós vemos apenas o que nos rodeia; Elle, melancholico e sereno, descobre atravez dos nevoeiros e aponta-nos a luz. Nós enleamo-nos, como fracos que somos, nas miserias do pessimismo; Elle, abrindo um sorriso angelico, diz-nos que após este deserto vem a Promissão, que após este dia de vendaval vem o glorioso ámanhã, que após estas horas torvas e diabolicas tem de amanhecer a aurora de Deus.

Leão XIII é um gigante, ha de ficar como uma das figuras mais nobres, mais completas, mais equilibradas, na vastissima chronica do Pontificado Romano.

Leão XIII chegou no momento psychologico em que era reclamado. Deus tem na mão estes escolhidos, e dá-os ao mundo quando lhe apraz.

Não tem Leão XIII o látego de Hildebrando, nem as opulencias de Leão X e as resignadas branduras de Pio IX; tem mais; tem o pensamento da conciliação e da indulgencia; conciliação allumiada, que na sua mão é uma omnipotencia verdadeira.

Absolutistas, constitucionaes, republicanos, sendo homens de bem, teem n'elle um amigo. Não cura da politica de cada qual; só pensa nas almas.

Aggremiados no mesmo anhelo de filial respeito, os catholicos portuguezes, os filhos do Reino Fidelissimo, saudam do fundo da alma o seu Pontifice, e, n'uma aspiração amorosa, offerecem-lhe os corações.

Elle, que personifica a Summa Bondade, dignar-se-ha, sem duvida, de acceitar os votos, que formamos todos, pelo vigor

da sua saude, pela prolongação do seu reinado glorioso.

Escute-nos, pois, anime-nos, conforte-nos, o Grande, entre os grandes, o Ente a quem ninguem póde encarar senão de joelhos.

JULIO DE CASTILHO.

(Visconde de Castilho).

Santo Protector para o mez de Julho

Beato Nevolonio de Faenza. — Nevolonio, de baixa origem, nasceu em Faenza na Italia.

A educação dos seus primeiros annos correu descuidada e livre como a dos filhos pobres dos operarios suburbanos de hoje e de sempre: até á edade da escola, na rua sujos e ensovalhados com o rapazio da mesma condição, ás vezes bem malicioso já; depois na escola com a garotada malcreada até que chegue o tempo de poderem ganhar um pedaço de pão, em qualquer officina.

Uma vida assim não pode conservar a innocencia á juventude; degola-a ao sahir dos braços maternos para os charcos da rua.

Nevolonio não chegou a apreciar essa perola cuja perda irreparavel toda a vida choramos. Quando os primeiros raios da intelligencia raiaram no seu espirito e reconheceu que vivia, quando acordou da vida inconsciente de creança, já esta prenda angelica lhe não realçava o coração.

Da vadiagem da rua passou para a immoralidade da officina.

Entrou como aprendiz para uma sapataria da cidade.

As perniciosas companhias, os maus exemplos, a sua educação e talvez a sua indole, tudo concorreu para o fazer em pouco tempo um monstro de immoralidade, espantoso até aos seus collegas menos christãos.

Soltou-se á larga pelos prazeres mais baixos e vis.

Largou redeas ao coração desvairado.

Mas de pressa lhe amarguraram a existencia as doçuras do prazer.

A devassidão e a orgia enfraqueceram-lhe bem cedo os fios da vida ainda juvenil.

Enfermou gravemente.

Tinha então vinte annos.

A pavorosa ideia de eternidade, que se avizinhava, acordou-lhe no espirito crueis remorsos que lhe rasgavam o coração.

Nevolonio comprehendeu a situação angustiosa; e pensou, talvez pela vez primeira, seriamente na vida de alem mundo.

Depois de muitos combates interiores, de prolongadas hesitações decidiu reconciliar-se com Deus e fazer paz com sua consciencia, toda a vida desassocegada.

Confessou-se com muitas lagrimas pedindo aos céos, que lhe concedessem alguns annos de vida, para expiar tantos crimes, e reparar as perdas que os seus maus exemplos causaram n'aquella cidade.

Deferiu-lhe Deus tão justo pedido e Nevolonio levantou se do leito, não para regressar á vida perdida de outrora, mas para começar o caminho da penitencia.

A compostura dos seus actos, o recato nas palavras, a modestia e afabilidade no trato, a caridade extrema nas relações com o proximo, as austeridades, jejuns, vigilias e as longas horas de oração — a mudança repentina do joven libertino — assombrou toda a cidade.

Nunca mais o viram nas casas de perdição, nas ruas suspeitas, no jogo, em qualquer ajuntamento, mesmo indifferente. Nevolonio só tinha tres paradeiros: a morada terrea, a officina e a egreja.

Para fomentar a constancia na vida penitente que incetára, para facilitar a perfeição christã a que intentava chegar poz-se ao abrigo da protecção de S. Francisco de Assis professando na sua Terceira Ordem

Alistado n'esta milicia de Christo, comprehendeu que, para ser fiel ao espirito da regra que professara, devia a par da sua salvação procurar a do seu proximo, que devia ser na sua esphera um apostolo do amor. E para isso corta pelos respeitos mundanos, frequenta as praticas de devoção, soccorre-as com o seu modesto obulo, concorre com o que pode para a conservação das obras pias, esmola do seu pouco aos pobres, para cujo amparo chega a fazer milagres, esforça-se por reduzir ao bom caminho os jovens transviados, e sobre tudo, á imitação do seu serafico Pae S. Francisco, ora com muitas lagrimas pela conversão dos peccadores.

Livre dos laços matrimoniaes pela morte de sua esposa, o nosso Bemaventurado desvelou-se ainda mais no zelo das boas obras. Quanto ganhava com a sua arte tudo gastava com a pobreza, obras pias e institutos de caridade. Visitou os logares santos de Jerusalem, e fez a romagem de Santiago de Compostela por dez vezes.

A santidade extraordinaria da sua vida conquistou-lhe a sympatia dos seus concidadãos, e mereceu-lhe de Deus o dom dos milagres.

Depois de ter reparada com cincoenta annos de penitencia rigorosa os desvarios da sua juventude, morreu chorado por toda a cidade, a 27 de julho de 1280 com oitenta annos de edade.

Os fabricantes de calçado tomaram no por seu patrono e festejam o seu dia, com grande pompa, na cathedral de Faenza onde jaz sepultado o corpo d'este Bemaventurado.

Virtude a imitar

A paz interior. — Eis uma das virtudes christãs de uma indispensabilidade absoluta, mas de difficilima pratica.

E' a paz interior essa tranquilidade, socego e bem estar da alma, essa alegria goso e resignação alegre em todas as circumstancias da vida, prosperas ou adversas.

E' effeito da ordem.

Relanceae a historia dos povos. Quando foi que n'uma nacionalidade correram juntos o sangue filial e paterno, real e burguez, quando a as-

solou a revolução? Quando se descentralizaram dos principios monarchicos as forças governamentaes — quando se perturbou a ordem publica. — Foi então que a paz nacional abandonou esse povo infeliz.

Quando entrou no lar domestico a discordia, a dissensão, o escandalo?

Quando á autoridade paterna faltou a submissão, respeito e acatamento filial, quando as leis fundamentaes d'essa pequena sociedade foram desacatadas — *quando abandonou a ordem.*

Pois dentro em nós ha tambem um reino, vive uma pequena familia. A razão impera alli como monarcha, manda, como chefe paterno, á vontade a lei divina natural e humana, impondo-lhe em cada acto, pela consciencia, a sujeição á lei respectiva. Se, usando da sua liberdade, esta obedece, reina a ordem n'essa pequena monarchia. Se abusando d'ella, conculca a lei, revoltando-se contra o commando da razão, a revolução levanta-se na alma e a paz abandona-a como ave que o melhano perseguiu no ninho.

A cada passo se nos depararíam argumentos vivos d'este principio theologico se soubessemos presecrutar o coração do criminoso.

No theatro, no sarau, no baile, no jogo, no passeio, podereis vêl-o sorrir, mas não vos illudaes, é um sorriso, leve fingido, passageiro como o dormitar do moribundo; um sorriso que não passa dos labios. Lá dentro porém no seu mundo interior, grita a razão e a consciencia contra a vontade rebelde que offendeu o dever, que amotinou todas as suas concupiscencias, clamando pela licenciosa liberdade do prazer illicito. Dentro de esse homem que finge rir-se, estorce-se dolorosamente um coração mordido por crueis remorsos, enlutado pela mais negra tristeza. E se n'um dia ou n'outro a força da distracção lhe adormenta as dôres da alma, á noite recrudesce mais renhida essa guerra interior. Foi dia de sol no inverno que emudeceu os furacões que á noite mugem com duplo furor; descanço dado ao leão que ao acordar urra com redobrada sánha.

A ordem entra na alma pelo cumprimento do dever, a desordem pelo peccado.

A paz interior é filha da boa consciencia. Ave peregrina acostumada ao silencio da solidão emigra de coração em coração, logo que os primeiros rumores de revolução se fazem sentir na alma e só volta quando tudo fôr socego e tranquilidade.

A necessidade geral d'esta virtude é obvia.

A vida acetica e scientifica não progridem sem este dom do Espirito Santo.

A alma pacifica domina-se, é senhora de si tem nas mãos as redeas dos seus affectos, cujos movimentos violentos e apaixonados, modera e dirige com tranquilidade, evitando o apego desordenado ao licito, os desejos do elicito, as pressas e precipitações em procurar o bem. Submissa á vontade da Providencia, não lhe pesa o passado, não se affeiçoa ao presente, não a inquieta o futura. As grandes tribulações não a perturbam: veem-lhe do ceu e para o ceu a levam. Nas praticas espirituaes é parca, mas constante e fervorosa; nas obrigações domesticas ou sociaes exacta e fiel, mas sem estrondo nem pressas tumultuosas. Os objectos exteriores, os acontecimentos de grande sensação, os fracassos imprevistos não a impressionam vivamente. E se alguma vez a surprehendem, pára e espera o socego. E', diz um auctor, a imagem de Deus, que nunca se perturba com os ultrages que recebe nem com as grandes obras que faz.

A vida d'esta alma é um firmamento azul onde a menor nuvem se divisa, e os seus caminhos são rectos e desembaraçados, onde o menor tropeço se apercebe e evita.

N'uma alma assim a virtude brota naturalmente e com suavidade, medra sem esforço violento como as rosas no jardim da cuidadosa donzela.

Não é o mesmo no coração sem paz.

Lançado n'um mar encapelado de affectos e paixões desordenadas cujos movimentos violentos não sabe conter nos justos limites, tudo cubiça sofregamente, tudo ama apaixonadamente. Crucia o a perda do passado, magôa o a provabilidade de lhe faltar o presente e os cuidados do dia de ámanhã desinquietam-no; é como o ventuinha que roda vertiginosa quer sopre o vento norte, quer o sul. Leviano, desconhecedor de si mesmo, não adverte os precipicios que as suas desenfreadas concupicencias lhe cavam deante para a abismarem.

Como ha de medrar a virtude n'estes corações? Como habitara ali o **Deus da paz?**

Não póde ser. «Deus não está no tumulto.» Só as almas pacificas são o templo de Deus.

Para nos convencer da necessidade d'esta virtude celeste o Espirito Santo nol-a inculca em cada pagina do Texto Sagrado.

S. Paulo escrevia aos philipenses: « A paz de Deus está acima de toda a intelligencia.» E aos corinthios: «Guardae a paz e o Deus da paz estará convosco.»

Jesus Christo, engrandece-a, a cada instante, aos apostolos: Quando os enviou a prégar, manda-lhes que saudem os seus hospedeiros com a paz: «A paz seja n'esta casa. Na ceia, no sermão da despedida, deixou-lha em testamento: «Não se perturbe o vosso coração: dou-vos a minha paz, deixo-vos a minha paz.»

Quando lhes appareceu ressucitado saudou-os com aquella doce palavra: «Paz convosco.» Em todos os sacrificios dos nossos altares pede o sacerdote para a sua santa mãe, a Igreja, este dom do céo: «Dignae-vos pacifical-a» e para todos os fieis assistentes: «Seja sempre comvosco a paz do Senhor.» Tal é a sua importancia.

Não será menos indispensavel talvez para o sabio a paz interior.

O homem de sciencia necessita de concentrar-se, de evitar a distracção: em torno d'elle deve reinar a solidão e o silencio, e dentro de elle, calma e socego, para que as faculdades intellectivas não sejam empecidas na contemplação do objecto scientifico. Como entrará em meditação a intelligencia desinquietada pelo alvoroto de mil desvairados desejos e paixões violentas, como prescutará os arcanos das sciencias, como deslindará os seus immaranhados problemas quando a alma se despedaça em mil partes á mercê dos seus desorientados affectos, quando o rodeia a revolução interior?

Quereis que progrida a arte, o commercio, a industria, quando a revolução tala uma nacionalidade? Quereis que cante jucundo o marinheiro levado nas azas negras da procela, ludribrio dos ventos, vingança dos raios e dos trovões?...

Não. Disse-o Espirito Santo. «A sabedoria dá-se com o socego e não com o tumulto» *Sapientia in opportunitate otii... Non in commotione Dominus.*

Mas até a nossa natureza phisica muito tem a lucrar com a cultura d'esta virtude no nosso espirito.

Espanta-nos a longevidade dos anacoretas e penitentes dos claustros, porque não comprehendemos que definham mais as forças phisicas, os prazeres da carne e da gula, que os jejuns e vigilias do cenobita; que mata mais a vida o espinho do remorso, que lacera a alma que os cilicios e disciplinas que rasgam o corpo do penitente.

Uma alma pacifica é uma alma cujas potencias e forças estão equilibradas, que vive a vida que lhe é propria, é uma alma san. E se o regosijo do espirito alegra o nosso ser phisico, se a melancolia interna o entristece, porque não se lhe communicará tambem a saude da alma?

Já o advinharam os antigos no proloquio: *Mens sana in corpore sano.*

Ha porem estados de vida quer animica quer social em que a aquisição d'esta virtude é mais trabalhoso e difficil, que analizaremos ligeiramente noutra occasião.

Indulgencias plenarias

N'um dia do mez á escolha.
No dia 7 — S. Lourenço.
No dia 14 — S. Boaventura.

Secção historica

Uma heroina

Povo da Polonia! quem te não conhece ó povo de heroes! Cada gléba do teu sólo encerra os restos d'um martyr!

Cada pagina da tua historia, é um poema grandioso. E' ainda hoje o teu nome glorioso para mim porque em cada um de teus filhos eu admiro todas as virtudes que podem florescer no coração do homem.

— E' debaixo do teu céo triste e sombrio, mas bello para mim, á luz mortiça d'um crepusculo de janeiro que se extendia rapidamente sobre o valle silencioso e arido, coberto com um manto espesso de neve e dominado por um antigo castello meio derruido que eu venho escrever estas breves linhas.

— Oh! como tudo é triste!

— As colheitas tinham sido saqueadas juntamente com as pobres choupanas dos seus habitantes.

A neve tinha cahido com abundancia, mas não tinha podido occultar os rastos de luto e sangue, e se os ramos destroçados das arvores pudessem fallar, diriam: «Os filhos da Tartaria passaram por aqui.»

*

Era a 5 de janeiro.

Uma donzella de rosto pallido e com as faces cobertas de lagrimas encontrava-se no salão do castello, e apesar do frio, a antiga chaminé, apagada e triste como o céo e a campina que circundava o castello, não dava luz nem calor. Tambem os Tartaros haviam estado ali! N'aquelle mesmo salão as mãos dos tartaros haviam-se tingido em sangue humano; ali mesmo haviam-se entregado a toda a especie de orgias.

Afogada em lagrimas, a donzella repassava em sua memoria scenas dolorosas e quadros aterradores que despedaçavam o seu coração. Uma dupla dôr a atormentava; a lembrança do passado e o temor do futuro.

Mas, que mais podia temer? A miseria, o desterro, os tormentos, e talvez a morte?

Leoa, pois é o nome da nossa heroina, era uma fervorosa christã; sangue de valentes e heroes corria em suas veias, a miseria e a morte não a atemorisavam; porem sua imaginação exaltada a conduzia longe, mui longe do castello de seus antepassados, e n'um campo de batalha lhe mostrava um homem de vestidos rasgados, coberto de feridas, luctando só contra uma horda de barbaros; o valor combatia contra a força, porem a força vencendo alfim derrubou o valoroso campeão em terra fazendo-o prisioneiro... E esse heroe chamava-se Soporosci, e era pae de Leoa!

A noite, que começava a cobrir tudo com suas sombras, chamou á realidade a pobre joven recordando-lhe que era a hora do descanço.

Havia tres noites que apenas tinha cerrado os olhos, e uma fadiga extraordinaria pesava sobre o seu delicado corpo. Não obstante Leoa não tinha esquecido as tradições da familia. Era vespera do dia de

Reis, e nada do mundo a podia impedir do piedoso costume do dia.

Com um pouco de trigo que tinha deixado o terrivel Mundur, chefe da vanguarda tartara, Leoa amassou uma tórta.

Estava a separar a parte reservada ao Senhor, quando ouviu um grande estrepito.

Meu Deus que será! exclamou a filha de Soporsci.

Um antigo e fiel creado entrou precipitadamente, dizendo:

— Os tartaros! os tartaros!

Eram effectivamente os soldados de Ali-Muza que seguiam as pizadas da sua vanguarda, conduzida por Mundur.

Suas hostes avançavam victoriosas, porque os ultimos defensores da Polonia acabavam de ser vencidos e os servos do falso Propheta celebravam os seus triumphos com canticos selvagens.

— Que é aquillo que se desenha no Occidente? perguntou o emir a um dos seus officiaes:

— Um castello senhor.

— Bem, será ali que passaremos a noite.

E o feroz Ali-Muza que podia dizer como Atila: «Por onde passo não torna a crescer a érva» dirigiu-se para o castello, conduzindo atraz de si uma multidão de prisioneiros dos mais nobres e valorosos.

O sonho de Leoa tinha-se trocado n'uma realidade. Soporosci seu pae, encontrava-se entre os captivos e tinha por prisão o seu proprio castello.

*

Quando a donzella christã viu que encadeavam seu pae n'um subterraneo da fortaleza sua alma sentiu ao mesmo tempo uma profunda amargura e um dôce prazer; amargura porque Soporosci estava prisioneiro debaixo de ferros e prazer porque se encontrava perto d'elle.

Ah! Se podesse atravessar es espessos muros do castello o que não diria ao mais

carinhoso dos paes! Que alegria para elle se podesse abençoar sua filha! E que felicidade a sua se tivesse a dita de estreitar contra o seu coração o pae, que já julgava morto.

E S. João

Assim pensava Leoa, que tinha interrompido a sua modesta cêa. Não se atrevia a comer a tórta dos Reis quando seu pae talvez não tinha um pedaço de pão com que matar a fome.

Ah! meu pae! meu pae! Os criados me disseram que está no subterraneo á esquerda... . Irei... irei abraçar meu pae, o chefe dos tartaros não ousará levantar a mão contra uma pobre e fragil mulher.

.....

.....

Soporosci encerrado no fundo do calabouço, repassava em sua memoria todas as scenas d'aquelle dia. De repente viu uma sombra semilhante a um phantasma atravessar a porta que communicava com sua prisão. Em vão crabava seus olhos n'aquella sombra que ia avançando, quando a lua livre de nuvens que a encobriam, penetrou sua claridade no calabouço do prisioneiro por uma estreita abertura. Soporosci reconheceu sua filha.

Bemdito seja Deus protector e defensor dos fracos! A virgem christã tinha dasafiado um tyranno! Leoa encontrava seu pae, que parecia recobrar seu antigo valor.

N'aquella sombria prisão offerecia-se então um bello e patetico espectaculo. Soporosci quiz abraçar sua filha mas tinha as mãos prêsas por um circulo de ferro. Leoa procurou consolal-o, e assentada sobre o solo humido ia collocando pedaços da tórta sobre os labios do pae que se sentia cheio de consolações e illuminado por uma esperança....

Um objecto resoou ao cahir sobre as lages do calabouço: Leoa tinha conseguido quebrar uma argola das cadeias do captivo. Soporosci pôde erguer-se e em poucos instantes se viu livre das cadeias.

— Fujamos! disse sua filha.

Porem, ó meu Deus! n'aquelle momento Ali-Muza descia ao subterraneo para interrogar o prisioneiro. Dois dos seus soldados com archotes nas mãos allumiavam os passos do emir, que caminhava lentamente pela estreita galeria.

Leoa não pôde reprimir um grito, e cahindo nos braços de Soporosci exclamou: Meu pae! estamos perdidos!... Meu Deus! tende piedade de nós!

O emir viu a donzella christã, e em poucos passos estava ao pé d'ella.

— Adora o Propheta e sêde minha esposa! gritou elle!

E se como dizes este homem é teu pae, recobrará já a sua liberdade.

— Jesus é o meu unico Deus! Desprezo os teus favores e prefiro a morte com o amor ao meu Deus, que o viver comtigo!

— Pois será assim! morrerás! gritou com raiva o emir.

Guardas! prendei esta donzella e levae-a!

Ia o emir a por n'ella a sua mão, porem não teve tempo. Soporosci lançou-se sobre o raptor de sua filha, arrancou-lhe a espada que lhe pendia á cinta, poz-lha diante dos olhos, e depois d'uma breve lucta cahiu o emir ferido mortalmente!...

Desgraçado! o seu inimigo tinha rolado no chão muito tarde: os guardas haviam fugido com sua filha. A desesperação parecia enlonquecel-o: estava livre, porem porque preço!

Emquanto Leoa louvava a Deus por haver salvado seu pae, Soporosci não descançou um momento. Correu á procura de auxilio; e perto d'ali conseguiu reunir alguns soldados; recobrou o seu castello, chegando a tempo de livrar sua filha a quem devia a vida e a felicidade.

* * *

PENSAMENTOS

«O perigo, SS. Padre, está todo na diffusão continua de infames libellos; e para este immenso mal não vejo outro remedio, senão a fundação de uma Imprensa Catholica collocada sob o patrocinio da Santa Sé.»

S. Francisco de Sales.

◆

— «Um bom periodico faz mais bem do que cem prégadores.»

Pio ix.

— «De todo o coração vos pedimos que ajudeis com a maior predilecção aquelles que, animados pelo espirito religioso, consagram a sua vida a publicar *periodicos* para diffundir e defender a doutrina catholica»

Pio ix

◆

«A imprensa catholica é uma verdadeira missão perpetua.»

Leão xiii.

◆

«A imprensa catholica é de soberana utilidade, digo pouco: é uma necessidade.

Leão xiii.

◆

«Não se enganaria muito quem quizesse attribuir principalmente á estampa perversa a alluvião dos males e o estado deploravel de cousas a que somos chegados. Tendo pois o costume universal tornado de algum modo necessaria a imprensa, devem os escriptores catholicos varonilmente, estudar como volvel-a para a salvação da socidade.»

Leão xii.

ANECDOTAS

— Então você tem a superstição de ter uma ferradura no degrau da porta! Já lhe deu bons resultados?

— Esplendidos! Um dia d'estes veio cá o alfaiate pedir-me que lhe pagasse a conta. Tropeçou na ferradura, cahiu e quebrou uma perna! Não volta cá tão cedo!

◆

N'uma sala de doutrina.

— Quem responder bem, ao que eu vou perguntar, ganha um dôce.

— Que é o mundo?

— O mundo é uma bolla.

— Perdeste rapaz, o mundo é uma laranja.

◆

Ha casos que succedem, e nunca se realisam, como, cahir a cara de vergonha. — Receber uma pizadura e vêr as estrellas. — Formar castellos no ar. — Morrer-se de medos. — Escangalhar-se de riso. — Dar ás Villas-Diogo.

◆

Estatistica dos fumadores. — Um estatistico — é claro que era fumador de primeira ordem — deu-se ao paciente trabalho de verificar o consumo do tabaco em França.

Resulta dos seus calculos, que ha em França cerca de seis milhões de fumadores, que consomem, termo medio, 5 kilogrammas e 98 grammas de tabaco por cabeça, em cada anno.

Em cada 15 fumadores, 8 fumam cachimbo, 5 charutos e 2 cigarros. O consumo total dos cigarros em França é avaliado em 294 mil milhões, isto é, 809 milhões por dia, 3.700:000 por hora, 61:000 por minuto e cerca de 1:200 por segundo.

Finalmente, todos esses cigarros, reunidos no sentido do comprimento dariam uma extensão de 2 milhões e 57:950 kilometros, isto é 514 vezes a circumferencia da terra.

Leituras amenas

JUNTO AO TEJO

Uma familia interessante

Sentado junto ás praias do Oceano, contemplava Christovão Colombo o movimento das ondas, que vinham morrer a seus pés.

O sol, proximo a desapparecer, dourava com seus ultimos raios os corucheus das torres e os muros de Lisboa. O astro real disse um adeus á cidade gloriosa, indo lentamente sepultar-se no occidente, tendo primeiro beijado as gaveas aos mastros dos navios amarrádos á embocadura do Tejo.

Os longinquos rumôres da cidade e do porto, o harmonioso murmurio do mar e os suspiros d'uma ligeira viração confundiam-se com a alegre cantoria d'uma grande multidão de passaros, que remontando seu vôo em numerosos bandos, pareciam dispostos a quererem tocar na região das nuvens para gosar mais tempo da vista do sol.

A joven esposa de Christovão Colombo, D. Felippa de Perestrello e seu filhinho Diogo, vagueavam pela praia em procura de nacaradas conchas.

Por fim vendo o dia proximo a expirar, chegou-se D. Felippa a seu marido, e lhe disse timidamente:

— O nosso Diogo já tem somno, e parece-me que seria hora de nos retirar-mos.

— Pois vamos embora, disse Colombo.

E levantando-se começou a andar com a cabeça inclinada e profundamente absorto nos seus pensamentos.

Seguia-o Felippa dando a mão a seu pequenito, cujos passos em breve affrouxaram tendo a mãe de pegar n'elle ao cóllo.

Porem como D. Felippa era de constituição fraca e delicada, e o menino tinha já completos tres annos, caminhava vagarosamente; assim foi, que seu marido, tendo pouco a pouco adiantado o passo, desappareceu em breve pelo caminho tortuoso e sombrio que seguiam.

Entre os numerosos transeuntes que aquella formosa tarde havia attrahido ao campo, aconteceu passar uma mulher do povo, alta, robusta e de boa apparencia.

— D. Felippa! gritou ella, sois vós? Ora valha-me Deus, d'onde vindes só, sem a vossa creada, e carregada com tão grande pezo! Dae-me já o vosso filho... Menino, não te envergonhas de molestar assim a tua mãe?

— Dorme — Observou D. Felippa.

— Meu marido estava, como costuma, absorto junto ao mar... porem vós chegastes muito a proposito Antonia, porque realmente já me sentia cansada.

Deu-lhe o seu pequeno Diogo, e Antonia exclamou ao receber em seus braços o futuro vice-rei das Indias:

— Como é bonito! parece o menino Jesus de S. Christovão da nossa parochia!... Vamos andando minha senhora, e apressemo nos um pouco porque começa a anoitecer. Porem, onde está o snr. Colombo?

— Adiantou-se um pouco; estava completamente distrahido, como de costume e foi andando, desapparecendo no caminho.

— Já se sabe! — exclamou Antonia, todos estes marinheiros estão em terra como o peixe fóra da agua. Deus me livre de ter por marido um homem do mar! O meu Bartholomeu sim, com a sua hortasinha vive socegado, e quando alguma vez o tiram d'ali, diz que o arrancam ao seu paiz.

N'aquelle momento viram vir em direcção opposta e quasi correndo a Christovão Colombo.

— Perdoa me mulher! — adiantei-me de mais, pensando... Dá-me o Dioguito, Antonia!

Nada, isso não, meu bom senhor, disse a boa da hortelã, vossa casa fica exactamente no caminho que tenho a seguir. Entrarei em vossa casa, e depois de pôr o pequenito nos braços da sua avó, é que me retirarei.

— Ajudae antes a D. Felippa, pois a pobre senhora, está cansada. E apressando o passo, Antonia afastou-se.

Colombo offereceu o braço á sua joven esposa, caminhando um pouco de tempo silenciosos.

O futuro descobridor do Novo-Mundo, que agora contava trinta e oito annos de edade, tinha já viajado muito. Sua elevada e arrogante figura, sua physionomia expressiva, nobre e seria, inspiravam respeito; e esse filho d'um pobre artista de Génova, esse marinheiro que tornava á vida de cidadão, e que ganhava a vida fazendo map-

pas, tinha impresso em toda a sua pessoa os caracteres da antiga nobreza da sua familia e os signaes do genio. Por isso, ainda que pobre, havia obtido a mão d'uma donzella nobre, com poucos bens de fortuna, mas bella e amavel, que poderia ter um matrimonio mais vantajoso.

Felippa de Perestrello, então de vinte annos, era de mediana estatura e cheia de graça; comtudo raras vezes um sorriso illuminava o seu pallido semblante. Amava apaixonadamente a seu marido, e contente de viver com elle debaixo do humilde teto de sua mãe, não desejava outra cousa que vel-o tambem participar d'aquella felicidade. Porem os continuos sonhos e abstracções de Colombo, as horas que passava só em seu gabinete, absorto, occupado em trabalhos incomprehensiveis, entristeciam a Felippa. Soffria d'esses zêlos da alma, d'esses anhelos de participar tambem do infinito, do vago, do mysterioso, que arrastava para longe os pensamentos de seu marido: sentia vagamente, que embora vivesse com elle na mais intima união, viam-se muitas vezes transportadas a incommensuraveis distancias um do outro.

— Meu caro esposo — disse por fim — emquanto caminhavam, — esta tarde vi-te muito abysmado em tuas meditações á beira-mar.

— Estava pensando nas terras longinquas d'alem-mar, — disse Colombo; reflexionava sobre vastos projectos, que te communicarei mais tarde, minha boa Felippa.

— Pelo menos, observou esta, espero que não entrará em teus projectos Porto-Santo, essa ilha de tão ingrata memoria, em que meu pae perdeu toda a sua fortuna e em que eu mesmo estive quasi a perder a vida. Pensa em todos os paizes do mundo se quizeres, menos n'esse. E te peço, que penses n'elles quantas vezes quizeres porem que não vás nunca em procura d'esses paizes phantasticos. A Providencia trouxe-te a Portugal, para viveres socegado; e a nossa vida desliza aqui feliz e tranquilla. Permaneçamos sempre em Lisboa.

— Sempre? sempre? Isso é muito tempo. Queria ver de novo o meu paiz e queria que tu me acompanhasses. Verias a orgulhosa Génova, a cidade dos palacios de marmore, de jardins cheios de larangeiras e palmeiras; verias tambem esse Mediterraneo, não agitado como o Oceano, mas placido e tranquillo cujas ondas azues acariciam as margens cobertas de flôres. Como ficaria contente o meu velho pae ao ver-te e ao nosso querido filhinho!

— Ah! exclamou tristemente Felippa — não é o caminho da Italia o que vejo traçar continuamente em teus mappas, mas sim o caminho do Oceano. Sempre olhas para o lado onde se põe o sol, e... de certo que me occultas algum mysterio aterrador.

Indo assim fallando, entraram na cidade; e depois de percorrer muitas ruas tortuosas e ingremes, chegaram á velha casa mourisca que habitavam, situada na cidade alta, distante cinco minutos da egreja de S. Salvador. Era já noite. A claridade das estrellas, e a luz das alampadas, acêzas deante das imagens de Nossa Senhora, que havia nas encruzilhadas, guiavam os passos dos transeuntes. Dos habitantes parte tomavam o frêsco nos terraços e janellas, e parte ceavam no interior de suas casas. Os sinos dos numerosos templos da cidade tocavam ás Ave Marias, e alguns acórdes de guitarra, alguns écos de vagas canções, ultimos rumores d'uma cidade a adormecer, confundiam-se com o longinquo murmurio do mar e do rio.

D. Maria Dolores Perestrello sentada n'uma grande sala do andar inferior esperava a seus filhos fiando na róca.

Uma lampada illuminava seu rosto nobre e melancolico, e o seu vestido de viuva tornava-a semilhante a uma religiosa.

Um formoso cão negro, embora muito velho, estava estendido aos pés de D. Maria, pendiam da parede as armas e brazões do extincto D. Bartholomeu de Perestrello, que attestavam a nobreza dos senhores da casa.

Uma creada ainda joven preparava a meza e punha n'ella salada, ovos e fructas, que era de que se compunha a ceia.

Tinha acabado D. Maria de mostrar a sua admiração pela demora dos filhos, quando fóra ouviu um leve rumor; e como o cão os conhecesse dirigiu-se para a porta meneando a cauda.

Eram effectivamente Colombo e Felippa, que ao entrar foram direitos beijar a mão de sua mãe.

Felippa perguntou pelo seu Dioguinho.

— Está na sua cama, disse D. Maria. A boa Antonia trouxe-o com tanto somno,

que o despimos sem que acordasse. Porem onde fostes meus filhos, para que voltasseis tão tarde.

— Já o podeis imaginar, minha mãe, disse Felippa, fomos á beira-mar. Meu marido só está contente quando as ondas do mar banham os seus pés!

— Era assim tambem vosso pae! Porem vamos, que a ceia está na meza.

Depois de rezarem o *Benedicite* sentaram-se á meza.

Colombo quiz, por varias vezes tomar parte na conversação, porem estava tão preoccupado que intervinha sempre com expressões vagas e sem nexo, acabando por cahir n'uma profunda abstracção com o copo da agua na mão e como que escutando alguma coisa.

D. Maria e sua filha contemplavam-no em silencio; porem apoderou-se da creada tal ataque de riso que teve de fugir para a cosinha.

De improviso, exclamou Colombo:

— Queria... Oh! meu Deus! queria!...

— O que queres! disse Felippa.

— Ouro!... Montanhas d'ouro! Todo o ouro que ha no mundo para resgatar o Santo Sepulchro. Bem o sabeis, oh! Jesus! Nada quero para mim!...

— Ouro! muitissimo ouro! exclamou D. Maria, um hespanhol não falla assim.

Ferro, muitissimo ferro! Com o ferro é que se deve conquistar o Santo Sepulchro!

— Sim, senhora: mas para armar os soldados, para mantel-os, para fretar as naus, é necessario o ouro, e esse ouro!... eu sei onde hei de ir buscal-o!

Filho, tornou D. Maria, não é necessario ir buscal-o longe, o ouro encontra-se em toda a parte, a questão é saber trabalhar. As terras incultas, as folhas de pergaminho, o linho da minha róca podem produzir ouro se são trabalhados por mãos laboriosas. Meu filho já estás a sonhar, por isso vamos descançar, para amanhã podermos trabalhar.

Resaram juntos as orações da noite; Colombo e Felippa tomaram a benção a D. Maria, e passados alguns momentos um profundo silencio reinava em toda a casa.

Quando Colombo viu que toda a familia dormia, vestiu-se de novo, e sem fazer o menor ruido subiu ao terraço da casa onde começou a contemplar o céo!

Era uma noite serena. As estrellas brilhavam com vivo fulgôr, e Colombo contemplou durante muito tempo o seu trajecto para o occidente.

Os astros e o sombrio azul do firmamento tinham-no tão incantado, que parecia ouvir os côros angelicos cantando n'esses espaços infinitos que Deus semeou de soes como areias nas praias dos mares, e que essas vozes resvalando de espaço em espaço chegavam até seus ouvidos.

Depois os olhos de Colombo fixaram-se na estrella immovel que mostra o pólo e de seus labios sahiu esta oração:

— Rainha do céo, Maria Santissima, protegei-me! Fazei que veja de novo a minha patria, que possa dar-lhe gloria, poder e riquezas; fazei que possa resgatar Jerusalem, collocar a Italia acima de todas as nações, levar a cruz de Jesus Christo a esse mundo desconhecido, onde os povos assentados ás sombras do erro, esperam ha tantos seculos a luz do Evangelho. Estrella do mar! guiae-me ao Novo Mundo.

Orou Colombo por bastante tempo; e quando os primeiros fulgôres da aurora fizeram amortecer a luz das estrellas, entrou de novo em sua casa; e ao assomar o sol pelo Oriente, Colombo trabalhava n'um bello mappa-mundi que lhe tinha encommendado D. Affonso V, rei de Portugal.

— Algum tempo depois, Christovão Colombo recebeu uma carta de Florença, carta esperada com uma verdadeira impaciencia e anciedade Era a contestação do celebre physico Paulo Toscanelli, cuja opinião era uma auctoridade entre todos os que se occupavam nas questões de Cosmographia.

Toscanelli, a quem Colombo tinha communicado o seu projecto de partir em procura d'um continente occidental, longe de tractar esse projecto como uma chiméra, animava-o a proseguir na sua execução. Desde esse dia Colombo só pensava em dirigir-se á Italia para obter do Senado de Génova os navios que necessitava para a sua empreza tão arriscada.

Porem a delicada saude de sua esposa não consentia que a levasse comsigo, como tambem não podia resolver a partida sem a sua auctoridade. Havia algum tempo que D. Felippa andava muito triste e doente; comtudo os medicos não descobriam n'ella nenhuma enfermidade.

— Esses senhores medicos nada sabem, dizia Antonia. Que outra enfermidade que-

rem? Então o não ter apetite, nem forças, nem bom humor, não é infermidade? E para isto não ha de haver remedio?

A boa mulher não sabia o que havia de imaginar para distrahir a D. Felippa. Todos os dias lhe levava as melhores fructas e as mais bellas flôres do seu jardim; e como pelo caminho encontrava muitas pessoas do seu conhecimento, procurava recolher todas as noticias que circularam pela cidade, indo contal as á joven enferma, considerando-se feliz quando obtinha d'ella um sorriso ou uma ligeira exclamação de surpreza.

Ordinariamente eram muito alegres e engraçadas as historias que contava Antonia, e por isso agradavam muito ao pequeno Diogo. Um dia porem a boa Antonia chegou mais tarde que o costume com os olhos marejados de lagrimas e o semblante muito pallido.

— Antonia! que é isso!? Deus me perdôe! exclamou a creada, mas vosso marido tosou-vos hoje com força?

— Não é tão mau, contestou Antonia; porem encontrei a viuva e os pequenitos de Inigo Nunes, e a sua vista me partiu o coração. E com anciedade e inconsciente crueldade que impregam certas pessoas boas, em contar as noticias más, correu a referir a D. Felippa a morte do pobre Nunes.

— Que desgraça, senhora! dizia ella; um joven tão bonito, tão arrojado e bom a quem tanto queriam sua mulher e mãe! e era já pae de quatro anjinhos! que desgraça!... Voltava da Madeira com um precioso carregamento, alegre e ditoso como um rei. Vendo o seu barco, a mãe, os pequenitos, os amigos, acudiram todos ao mólhe; viram-n'o e acenaram-lhe com lenços cheios de alegria; elle para atracar mais depressa saltou a um bote, porem uma onda arrebatou a pequena embarcação e elle cahiu ao mar, não apparecendo mais..... Ah! são umas martyres as mulheres dos marinheiros! Não deixeis embarcar nunca mais ao vosso marido, senhora!

Apenas Antonia tinha acabado de proferir estas palavras, D. Felippa levantou-se, pallida como a morte, dirigindo-se ao gabinete de seu marido; porem alguns passos andados vacilou e cahiu desmaiada.

Acudiu a creada aos gritos que dava Antonia, prestando ambas a D. Filippa todos os auxilios que estavam ao seu alcance.

— Porem estaes louca, Antonia, dizia a creada! Como fôstes contar taes cousas á senhora? Não sabeis que o senhor Colombo vae embarcar dentro de oito dias?

— E porque não m'o dissestes? replicou Antonia. Mal hajam os vossos mysterios!

— E mal haja vossa lingua! Porem calae-vos que a senhora abre os olhos. Deus seja bemdito. Por favor Antonia vae chamar já o medico.

— Vou já correndo. Ah! maldita lingua! para o futuro eu te saberei guardar! Deus me ajude!

Quando Colombo e D. Maria voltaram de ouvir missa encontraram já o medico, preparando-se para dar uma sangria a D. Felippa, a qual delirando gritava como uma creança:

— Mamã! mamã! que não vá! não quero que parta!...

(Continúa).

Culto de Santo Antonio

Em honra de Santo Antonio

JÁ ha uns bons doze annos que me aconteceu o que agora vou narrar, e sinto presentemente uma vontade tal de o fazer, que não posso deixar de cumprir este dever e faço-o, sómente, para honra e gloria do nosso santo thaumaturgo.

«Frequentava eu o lyceu, como alumno interno, Geographia e Latim, se bem me recordo, contando então as minhas doze primaveras, muito bem empregadas. Alli pelo mez de janeiro, comprei um guarda chuva de seda de côr azul, que me custou vinte e seis testões. Tinha-o em muita estima, gostava d'elle. No ultimo dia d'aulas, antes dos feriados do Carnaval, no mez seguinte em que o comprei, levei-o ao lyceu, e por esquecimento lá o deixei ficar. Como não me foi preciso não me lembrei mais do guarda chuva. Nos dias de Carnaval, reccordo-me bem, peguei n'um livro d'aulas comprei um macinho d'estalos, proprios do entrudo, e sósinho fui em passeio recreativo por uma

estrada fóra para o lado d'uma aldeia á beira mar, retirando-me até depois da estrada seguindo a praia, passeio, para mim, delicioso, não só pelo lado hygienico, como pelo lado do socego. Depois de satisfeito do meu passeio, recolhi á casa da minha patrôa, sem me lembrar mais, que preparar as minhas lições para as aulas. Não sei se na vespera do primeiro dia d'aulas, depois do Carnaval, estava a estudar, eram dez horas da noite. Costumava collocar o meu guarda-chuva, juntamente com a bengala, n'um cantinho, em cima da meza encostados á estante.

Casualmente olhei e vi só a bengala no sitio, ficando um pouco atrapalhado. Levantei-me e fui vêr a uma sala onde costumava pôl-o aberto, quando o molhava. Não o vi. Comecei então a pensar onde seria o seu paradeiro, fazendo grande esforço d'imaginação, a vêr se me lembrava onde o tinha deixado ficar. De cada vez mais me confundia, não sabendo se o tinha deixado no lyceu, se pelo caminho quando fui dar o meu passeio no Carnaval, tendo mais probabilidades de o deixar no passeio. Restava-me só a certeza de que estava sem elle. No lyceu expuz as minhas duvidas ao porteiro, mas como elle ficou sabendo que eu não tinha a certeza de o ter deixado no lyceu, disse-me que lá não o encontrou. Coitado! era casado e tinha familia; encontrou o meu guarda-chuva no lyceu, levou o para sua casa e vendeu-o por dois mil réis. Já morreu, Deus lhe perdôe que eu já lhe perdoei. Eu o unico refugio que tinha para rehaver o meu guarda-chuva era recorrer a Santo Antonio. Foi o que eu fiz, respondi-o e disse á minha patrôa, (santa patrôa, Rozaria se chamava ella e Rozairinha lhe chamava eu, ainda vive, graças a Deus) que comprasse meio quartilho d'azeite para alumiar a Santo Antonio, cuja imagem ella tinha em sua casa.

«Santo bemdito que tantas provas tens dado do vehemente amor que a Deus tiveste»! O meu guarda-chuva veio outra vez ao meu poder, passados poucos dias!

E quereis saber como? Por uma maneira verdadeiramente incomprehensivel. Costumava eu todos os domingos e dias santos ir, á estação do caminho de ferro, esperar o comboio expresso das onze e meia horas da manhã para vêr se apparecia alguma pessoa da minha terra, para saber noticias da minha familia e porque algumas vezes alguma cousa me traziam. N'um bello domingo fui á estação e demorei-me com os meus collegas. Cheguei a casa era uma hora da tarde, hora de jantar, mas a patrôa não estava, só estava a sobrinha.

A snr.ª Rozairinha não está? perguntei eu; não, mas se quer eu tiro-lhe o jantar. Eu espero por ella para jantarmos todos, como era de costume, e emquanto não vem, ainda eu vou até ao jardim ouvir um boccado de musica (tocava a musica da uma hora ás trez). Pois eu podia jantar antes e depois ia descançado para a musica; mas não, senti uma vontade d'ir ao jardim á musica que não posso explicar, tendo d'andar uns bons dez minutos de caminho. Satisfiz a minha vontade, fui ao jardim; entrei pelo portão do lado norte, não parei sósinho, nem com ninguem, com passo muito grave, como quem anda á procura d'alguma cousa, passei para além do coreto da musica, estando esta a tocar, e fui direitinho encontrar o meu guarda-chuva, na mão d'um individuo, com elle aberto, sentado n'um banco, rapaz novo e bem apresentado.

Já á distancia de seis a oito passos, logo que lhe deitei os olhos, senti uma certa impressão, aproximei-me e pedi-lhe licença para o vêr, certifiquei-me que era meu, por tudo e mui especialmente porque tinha uma amarrotação no castão, assim como quem amarrota um ovo, feita n'uma occasião que me cahiu ao chão, e disse-lhe de cara que o guarda-chuva era meu. O pobre do moço não ficou satisfeito, dizendo tambem que era d'elle, mas eu disse-lhe: tenha a bondade de me acompanhar que eu vou á loja do negociante onde o comprei provar-lhe que é meu. Promptificou-se, acompanhando-nos mais algumas pessoas, porque o caso deu nas vistas, mas só me acompanhou até á porta do jardim e ahi deitou-me as mãos ao guarda-chuva e disse-me que era d'elle e eu se quizesse que désse parte d'elle ao administrador do concelho. Ora como hei de dar parte d'este sujeito, disse eu, se não o conheço, é a primeira vez que o vejo?

Estava alli um individuo meu conhecido, carpinteiro que trabalhava junto ao lyceu; peça-lhe o nome, disse-me o meu conhecido. Eu immediatamente: faz favor de me dizer o seu nome? O moço atrapalhado: olhe eu chamo-me fulano, móro na rua

de tal, numero tantos, e a mim quem me vendeu este guarda-chuva foi fulano, porteiro do lyceu. Fiquei satisfeito. Tomei duas testemunhas da declaração feita, o meu conhecido e outro conhecido d'elle e repararam bem no guarda-chuva. No dia seguinte fui para o lyceu e disse ao porteiro que, sob pena de dar parte d'elle ao Reitor, me apresentasse o meu guarda-chuva, expondo lhe a verdade do facto. O homem não sei quantas côres tomou. No dia seguinte entregou-me o guarda-chuva, pedindo-me pelo amor de Deus que não désse parte d'elle ao Reitor. Escusado é dizer que eu nunca mais me importei com aquillo para nada; o que eu quiz foi o meu guarda chuva que, não tenho vergonha de o dizer, sabe Deus se eu teria dinheiro para comprar outro, pois os estudantes andam sempre depenados».

Fui um boccado maçador, mas peço desculpa porque escrevi conforme me dictou a minha consciencia. Apreciem o facto como quizerem, mas para mim, confesso, é transcendental. Santo Antonio é meu amigo, mas é meu patrono, e eu tambem sou amigo d'elle.

Admirabilis Deus in sanctis suis.

Venade — Caminha, 13/6/02.

Padre Antonio José d'Azevedo Jaen.

O Pão de Santo Antonio

DECLARAÇÃO

A Redacção da «Voz de Santo Antonio», julga opportuno repetir aqui as declarações já feitas por mais d'uma vez:

a) A instituição do Pão dos Pobres de S. Antonio, posto que seja obra dos Franciscanos funcciona independentemente da sua direcção. Poronde,

b) As esmolas depositadas nos cofres de S. Antonio nem são para a «Voz de Santo Antonio», nem para os seus directores e collaboradores, nem para os Franciscanos como aleivosamente aventaram muitos jornaes, mas são exclusivamente para o Pão de Santo Antonio e para obras de caridade promovidas pela commissão administrativa, á qual só cabem as responsabilidades do bom ou mau emprego das ditas esmolas.

c) A «Voz de Santo Antonio», dando publicidade ás muitas cartas de agradecimento que apparecem nos cofres de Santo Antonio, tem só em mira dar gloria a Deus e ao Santo de que é orgão mensal. Não explora a crendice do povo, mas fomenta o espirito de piedade. E se muitas das cartas que publica não têem a orthographia e a grammatica desejadas, e empregam indistinctamente o nome de graças ou milagre, não são da redacção as responsabilidades, mas dos proprios signatarios.

De resto a Redacção da «Voz de Santo Antonio», para se conformar com os decretos de Urbano VIII, declara mais uma vez, que não pretende dar aos factos narrados no Culto de Santo Antonio senão um valor meramente historico, deixando á Egreja o julgar da sua authenticidade.

BRAGA

AOS AMIGOS DE SANTO ANTONIO

Pedimos mais uma vez que não se esqueçam de indicar em termos claros e precisos a graça ou graças recebidas de Santo Antonio, para que dignamente se possam publicar na «Voz» em honra e louvor do grande Thaumaturgo.

Confrontando a receita enorme das esmolas mensaes ao Santo para o Pão dos Pobres com as cartas de agradecimento, vêmos que a maior parte das graças não véem ao publico, o que não póde ser agradavel a Santo Antonio; pois é justo que atteste o seu reconhecimento quem recebe os favores.

Agradecimento a Santo Antonio

Meu glorioso Santo Antonio. — Eu vos agradeço de todo meu coração a graça que me concedestes dando saude a meu marido como era o meu desejo. Eu vos envio cheia de reconhecimento a quantia de 5$000 réis para o pão de vossos pobres conforme vos prometti.

Vossa serva muito agradecida

A. H.

Meu glorioso Santo Antonio. — Venho muito reconhecido agradecer-vos a graça que dignastes conceder-me, ouvindo a minha humilde prece, e em cumprimento da promessa que fiz, vos envio os cinco mil réis para o pão dos vossos pobres.

Abençoae-me e continuae sempre, por vossa intercessão, a proteger-me e a todos de minha familia.

Vossa humilde devota

A. S. D.

LIVRAMENTO

Snr. Director. — Rogo-lhe a fineza de publicar na sua illustrada «Revista» o que muito lhe agradeço o seguinte:

Meu Glorioso Santo Antonio. — Cheia de reconhecimento venho agradecer ao meu querido Santo Antonio a graça que me acaba de conceder, e pedir lhe que me continue a ouvir todas as minhas supplicas.

Envio para os vossos pobresinhos 2$000 réis em louvor das graças que por intermedio de Vós meu querido Santo, estou continuamente recebendo de Deus. — *Uma vossa devota.*

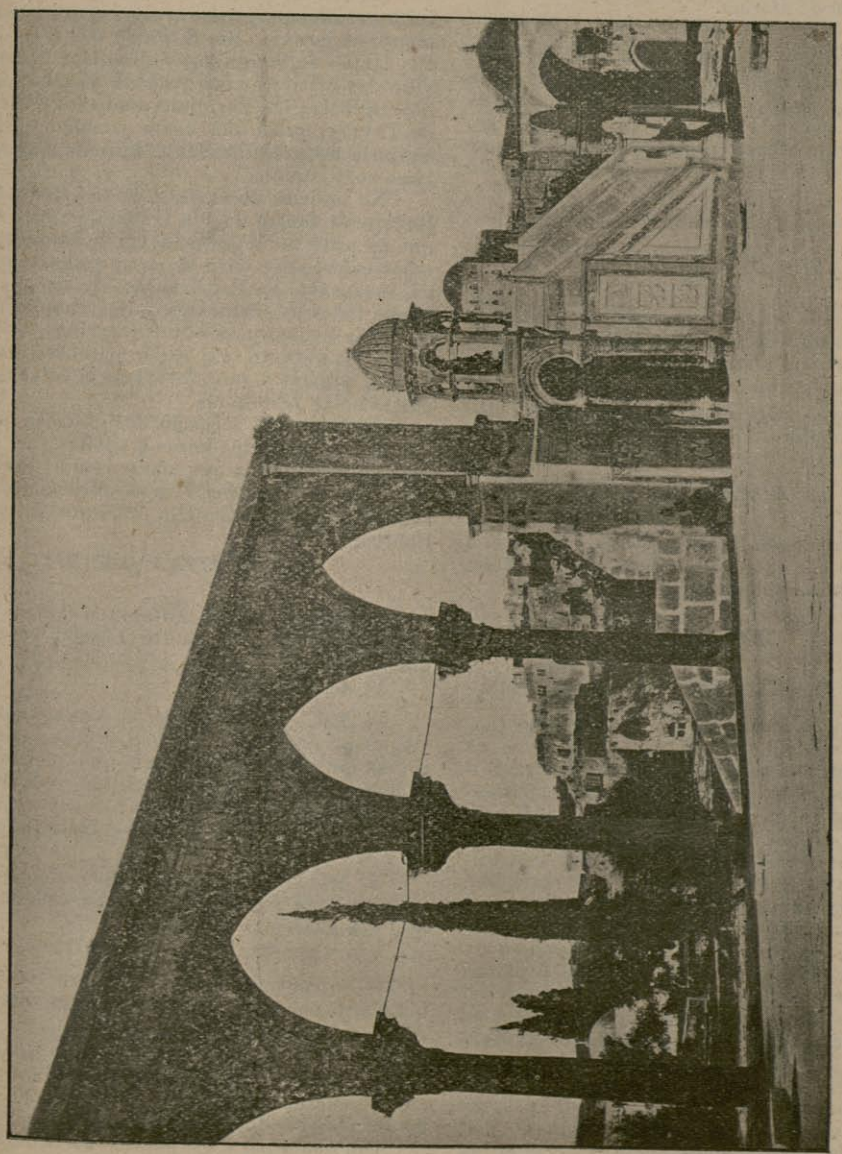
MAFRA

Snr. Director. — Peço-lhe o favor de publicar na *Voz de Santo Antonio,* favor que muito lhe agradeço o seguinte:

— *Meu querido Santo Antonio.* — Cheia de fé e reconhecimento venho agradecer ao meu querido protector a graça que me concedeu e peço que continue a ouvir-me em todas as minhas afflições. Envio 500 réis para o pão dos vossos pobrezinhos em favor d'esta graça obtida. — *Uma devota de Santo Antonio.*

PORTO (PROCEDENCIA DE TIMOR)

Snr. Padre Director da Voz de S. Antonio. — Pela portadora M. R. remetto a V. uma caixinha



PULPITO DE O MAR (JERUSALEM)

redonda, contendo um relogio d'ouro que offerece a snr.ª D. Anna Joaquina da Costa, de Timor para o pão dos pobres de Santo Antonio, conforme declara o papel que vae embrulhando o mesmo relogio; rogando o favor de declarar na *Voz de Santo Antonio* a referida offerta para ella ficar sciente de que foi entregue. Incluso remetto 500 réis que offerece a snr.ª D. Maria Loduvina Fontes Dourado para o pão dos pobres de Santo Antonio e esta quantia me foi entregue pelo snr. João Gonçalves, da Capella de Nossa Senhora dos Anjos da rua dos Bragas para eu os remetter quando houvesse portador, e deseja a offertante que esta esmola seja declarada na *Voz de Santo Antonio*

De V. etc., am.º muito att.º ven.or e cr.º — *João Francisco de Moraes.*

Declaração. — Recebemos n'esta redacção um relogio d'ouro com esta dedicatoria : D. Anna Joaquina da Costa, de Timor, offerece o seu relogio de ouro para o Pão dos Pobres, de Braga, em cumprimento d'uma promessa. Foi portador d'esta offerta o Rev.º P. Alberto Cesar do Carmo e Mattos.

A Redacção.

MARCO DE CANAVEZES

Remetto a V. Ex.ª em um vale do correio a quantia de 2$500 réis para ser applicada para o pão dos pobres, em virtude d'umas graças concedidas por Santo Antonio.

De V. etc. — Pela remettente *D. Maria Augusta de Magalhães e Vasconcellos, Miguel Augusto de Vasconcellos.*

BORRALHA

— *Glorioso Santo Antonio.* — Agradeço-vos o milagre de se não extraviar o dinheiro que vinha da Africa para a minha sobrinha. — *R. C. J.*

BRAZIL

Lê se no *Diario da Manhã* (Ribeirão Preto) :

A instituição levantada em França modernamente para a distribuição do pão dos pobres de Santo Antonio, tem feito um progresso extraordinario em todos os paizes catholicos como em Hespanha, Portugal, Italia e ultimamente no Brazil, onde a nobre União tem augmentado dia a dia em auxilio dos necessitados. A primeira instituição levantada no Brazil foi em *Porto Alegre*, instituida pelo humanitario conego Marcelino, que vê coroados todos os seus esforços. E' tão elevada alli a grande caridade em favor dos pobres de Santo Antonio, cuja instituição soccorre semanalmente centenas de familias pobres, que o governo d'aquelle prospero Estado creou a verba de tres contos annuaes, para ser entregue ao conego Marcelino para distribuir pelos pobres do grande Thaumaturgo portuguez. Além das esportulas avultadas que recebe mensalmente de pessoas gradas, semanalmente faz a distribuição do pão dos pobres; faz mensalmente auxilios pecuniarios a viuvas para rendas de casas; orphãos, ou pobres, e brevemente será edificado um novo bairro de casinhas, denominado de «Santo Antonio de Lisboa», onde os pobres, viverão gratuitamente com suas familias, sem *onus* de renda que tanto mortifica na quadra actual de crise, o infeliz proletario.

Em *Juiz de Fóra*, tambem a instituição do milagroso Santo, vae em grande augmento; ha 2 annos, que uma grande peregrinação da Pia União de Santo Antonio foi em piedosa romagem ao Bom Jesus de Congonhas, em Minas. Grandes beneficios resultou para a instituição.

Em Pindamonhangaba tambem está instituida esta humanitaria irmandade, devido aos esforços e boa vontade de um leigo, e que está distribuindo seus beneficios pelos desvalidos.

No *Rio de Janeiro* a instituição recente, tem feito grandes progressos, como o attestam diariamente os jornaes. Em S. Paulo que é a séde da Pia União de Santo Antonio no Brazil, tem o auxilio das primeiras fortunas da Capital, como as humanitarias D. Veridiana Padro e Viscondessa de Tatuhy, que á sua custa mandou edificar de cantaria a Egreja de Santo Antonio, situada proximo ao Viaducto.

No interior de *Oeste, Ribeirão Preto*, foi escolhido para centro da Pia União de Santo Antonio, que só póde ter logar de 7 em 7 freguezias, e a cujos esforços se deve ao nosso amigo o snr. Vianna, incansavel na construcção da capella, removendo todos os obstaculos, e luctando com todas as difficuldades, para obter donativos. Os seus esforços, no entanto, ahi estão patentes estando a capella prestes a ser coberta de telhas, resultado das esmolas recolhidas.

E' chegada a occasião das pessoas piedosas, que offereceram, madeiras e tijollos, de fazerem suas entregas, para que não parem as obras, bem assim as esmolas em tempo offerecidas para a conclusão da bella Capella de Santo Antonio dos Pobres.

DIAMANTINA (BRAZIL)

Agradeço a Santo Antonio a graça que me alcançou de Deus e remetto 14$000 para o Pão dos pobres.

14 de Maio de 1902.

— *Meu grande Santo.* — Venho agradecer-vos, cheia de summa devoção, a graça que tão depressa me alcançastes, e pela qual cada vez mais procurarei-vos ser grata, aceitae o humilde signal do meu reconhecimento.

29 de Janeiro de 1902. — *Henriqueta Maria da Luz.*

— *Meu Glorioso Padre Santo Antonio.* — Eu vos agradeço a esmola que me fizestes do milagre que vos pedi.

Vossa serva. — *J.*

— Agradeço ao Glorioso Padre Santo Antonio o milagre que me fez, e remetto 500 réis. — *M L.*

— *Por milagre de Santo Antonio.* — Uma memoria, perdida ás 8 horas da noite de hontem, e encontrada na rua ás 8 horas da manhã de hoje 20 de Abril de 1902.

Um obulo para os pobres do *Pão de Santo Antonio.* — *José Verissimo.*

De diversas partes:

Quantias recebidas n'esta redacção e levadas a seu destino:

Livramento, uma devota	1$000
Mafra, Maria dos Prazeres	500
Timor, D. Anna Joaquina da Costa (relogio d'ouro	8$000
Porto, D. Maria L. J. D.	500
Villa Nova de Fazem, D. Maria da Luz Foscano	700
Borralha, Rosa E. Graça	200
Porto, C. N. T.	1$000

Recommendações especiaes

As ordens religiosas em Portugal.
Os collegios catholicos.
As missões no ultramar.
Quatro conversões.
Duas vocações.
Tres almas.
Todas as petições depositadas nos cofres de Santo Antonio.
Uma familia desolada.
Um sacerdote.
Uma casa religiosa.
Uma alma.

Secção scientifico-litteraria

QUADROS BIBLICOS

ESTHER

IV

Na corte de Assuero está vago o logar de rainha.

O rei sente amargura por este isolamento, e quem sabe, talvez tambem saudade por Vasthi, que era formosa e com os dotes da sua alma o soubera captivar.

Mas a sua dignidade real, o seu poder, não lhe deixava logar a reconsiderações. Estava decretado, a rainha passava a condição de escrava.

Os ministros do rei ordenaram então que em todas as provincias do vasto imperio se procurassem as moças mais formosas, para que fôsse escolhida a que deveria cingir a corôa real junto de Assuero.

Cartas nas linguas de todos os povos que compunham o vasto imperio foram dirigidas para que as ordens fôssem cumpridas como se ordenava.

As mais lindas jovens deviam ser entregues na cidadella de Susan, na casa de Ege, afim de serem purificadas com aromas, purificação que era seis mezes com oleo de myrrha e seis com aromas purificantes.

D'entre as moças que foram recolhidas em casa de Ege vamos encontrar a formosa Esther. Era ignorada a sua raça e conhecida estava apenas pela sua formosura.

Seu tio, Mardocheu lhe recommendára segredo sobre a familia a que pertenciam.

A ordem do rei tinha de ser cumprida.

Para Esther decerto que foi de grande magua o dia em que teve de sahir da sua casa, deixando a companhia de seu tio, a quem amava como pae. Não mais cuidaria das suas flôres e não aspiraria a liberdade de que gosava.

Uma esperança, porém, alimentava no seu casto seio.

Moças formosas de todo o imperio vinham para que o rei escolhesse a mais bella.

E então, pensava — não serei eu decerto a escolhida, e de novo voltarei para o meu lar modesto e ignorado, onde não ha outra aspiração senão a do trabalho e a obediencia á lei de nossos paes.

Que me importa uma corôa de rainha!

Mas no primeiro dia do mez de Tebelti todas as donzellas foram presentes ao rei.

Estava elle no seu grande palacio rodeado dos seus sabios e principes e grandes do seu imperio.

Ornavam-se as salas das mais ricas tapeçarias e das mais variegadas côres.

Baixellas de ouro e prata dos mais custosos lavores ornamentavam os moveis mais bellos das mais preciosas madeiras. Em cofres do mais aprimorado gosto brilhavam as joias engastadas de finissimas pedras, cujo explendor se reflectia em ondas de luz, projectando as côres mais vivas e scintillantes.

Eram estes cofres a dadiva á futura rainha.

Toda esta magnificencia encantava a vista e deslumbrava a alma.

E ao lado do rei, em rica mesa de finissimos esmaltes, estava a corôa real.

Que anciedade em todos aquelles corações de mulheres novas, cuja aspiração unica era a posse d'aquellas riquezas, porque outro sentimento não possuiam.

Somente Esther ali estava como uma estatua, sem que os seus olhos se prendessem ou encantassem em tantas maravilhas.

As moças escolhidas eram das mais formosas que se tinham procurado em todas as provincias do vasto imperio.

Typos de excepcional belleza, de variadas raças, florido jardim da mocidade, na explendida aurora da primavera.

Sorrisos que eram um encanto, olhares vedados pela castidade, virgens ainda no alvorecer de todos os sonhos, ali estavam anciosas e tremulas n'um anceio vago e indefenido.

Mas de todas essas mulheres formosas nenhuma mais captivou o coração do rei, e provocou a admiração de toda a côrte senão a modesta hebrea — Esther.

Que magia a do seu olhar casto e modesto, eloquente e firme. As suas faces eram setim e rosas.

Typo genuino da sua raça, mas de uma correção de fórmas, uma gentileza de figura como se a natureza a destinára desde o berço a cingir uma corôa.

Assuero nem nas outras mais jovens fixou as suas vistas; os encantos de Esther dominaram desde logo a sua alma, e chamando-a para junto de si collocou-lhe na fronte a corôa de rainha.

Que sentimentos dominariam n'esse instante a filha adoptiva de Mardocheu!

Teria ainda saudades do seu lar ou no seu espirito passaria como uma doce visão a grandeza de que se via agora investida?

São segredos que ficam guardados na alma como em cofre que a todas as vistas esconde as joias que encerra.

Grandes festas se succederam depois, nas quaes o rei, como encantado de um sonho, quiz demonstrar a todo o seu povo a alegria de que estava possuido.

Mardocheu perdera a sua companheira; o seu lar ficára deserto dos seus encantos, mas a sua filha adoptiva cingia uma corôa real. Não seria este facto um justo orgulho para a sua raça, um elo a prender os destinos dos seus irmãos pelas crenças á vida do imperio!

Mulher de tão peregrina belleza, que assim dominára o coração do rei, devia tambem pelos dotes do seu espirito ter grande influencia nos destinos do povo hebreu, que tão laborioso e honrado tomára aquella terra como patria sua e tão amada.

Assuero era um monarcha excepcional.

Dominava um vasto imperio, tinha um poder absoluto. As grandezas de que estava rodeado, aquelle deslumbrante fausto faziam-o por vezes esquecer a missão que tinha a cumprir. Lampejos de justiça revelavam em muitas occasiões um espirito de rectidão. Outras vezes, porém, o seu espirito transviava-se do caminho do bem e a sua vontade despotica praticava inconscientemente o erro. Os sabios que elle consultava pensavam pela sua cabeça. Poderiam ter porventura independencia no receio de cahir no real desagrado!

Depois reinar em tão vasto imperio, composto de povos tão diversos, inimigos falsamente congregados, que naturalmente esperavam o momento de poder erguer a sua bandeira de emancipação, tudo isto fazia difficil e tornava complicada a missão do supremo poder.

Mas Assuero era entretanto feliz.

O tempo das ambições e conquistas desapparecia. Havia uma tranquillidade, embora apparente, que lhe deixava gosar todas as magnificencias d'essa grande côrte, composta de principes e de sabios.

Os seus thesouros estavam cheios de ouro e de prata. Que mais podia ambicionar?

A seu lado tinha agora uma mulher das mais formosas, que a vida lhe esmaltava de encantos.

Mas será isto a felicidade?

Talvez não.

A propria Esther, agora rainha, ornando-se das pedras mais preciosas, cingindo nos seus hombros um manto dos mais finos tecidos, quem sabe quantas lembranças teria do seu modesto lar e dos canteiros das suas flôres modestas, e n'esta recordação estava a saudade do passado, agora extincto. E na saudade está a ventura perdida, os dias felizes que se foram como um sonho vago.

Não é no seio das grandezas que existe a alegria. A alegria vive na consciencia tranquilla e serena, como o perfume vive na flôr. Nem palavras, nem grandezas tem a ave, que apenas possue de seu o modesto ninho. E' que a vida de liberdade e de luz, manifesta-se nos seus cantos saudando a aurora, nos seus vôos atravessando os espaços! E a alma livre, aspirando apenas á suprema ventura d'um futuro de luz é a ave gentil, que somente tem por missão cantar e voar para as regiões infinitas.

Abençoadas sejaes almas serenas e justas!

Hymno da manhã

Vida e luz, campo e céo, mar e terra,
tudo em hymnos bemdiz ao Senhor.
Brancos olhos a aurora descerra
perfumada em sorrisos de amor.

Canta a ave nas vêrgas pousada
do ribeiro que manso deslisa,
reunindo-se a trova inspirada
ao murmurio singelo da brisa.

Abre as pétalas finas a rosa
ao orvalho que cae lá do céo
e do calix exhala amorosa
grato aroma que ao céo prometteu.

Grave e só para o ermo do templo
meditando caminha o levita,
para dar ao rebanho o exemplo
do amor e virtude bemdita.

Chora, chora no berço o innocente,
sua mãe lá o vae embalar;
toma o pobre a enchada, contente,
fica a virgem cantando no lar.

Surge a vida no campo e na aldeia,
das algemas do somno liberta,
para dar-se a mais nobre cadeia:
ao trabalho e ao amor que desperta.

Só o impio, do luxo ao abrigo,
dorme ainda esse somno de atheus,
sem ouvir junto á porta o mendigo
que lhe pede uma esmola por Deus!

Nesta hora de amor e innocencia
tudo alegre sorri quanto existe,
só do seio da vil opulencia
se desprende esta nota bem triste.

Mas... que vale uma nota perdida
nos harmonicos cantos de amor?
— Campo e céo, terra e mar, luz e vida,
tudo em hymnos bemdiz ao Senhor!

PADRE NUNES TAVARES.

Ao impio

O' impio, que és tu na terra
se não tens amor nem fé?
Mover contra Deus tal guerra
que proveito ou gloria é?
Queres governar o mundo,
egualar-te ao proprio Deus?
Abate o orgulho profundo,
que tu não creaste os céos!

Pois onde estavas tu, quando
se rasgou a luz da aurora,
e da voz do Eterno ao mando
revestiu o campo a flóra,
E se ergueram alto os montes,
e o rio serpeou no prado,
e brotaram d'agua as fontes
e se ouviu do mar o brado?

BIBLIOGRAPHIA

Theologia Moralis *per modum Conferentiarum, Auctore Clarissimo Patre Benjamino Elbel O. S. F. — Novis curis edita a P. F. Irenaeo Bierbaum O. S. F. Lectore Jubilato.*

O padre Benjamim Elbel, é um dos inclitos membros da Ordem de S. Francisco. Foi contemporaneo de Santo Affonso Maria de Ligorio, mas publicou a sua obra antes que Santo Affonso editasse as d'elle; d'aqui as frequentes citações que o Santo Doutor faz da importantissima obra de Elbel.

Qual seja o valor intrinseco d'estas Conferencias Moraes attestam-o as suas repetidas edições.

Este mesmo valor foi comprehendido por muitos auctores modernos da maior celebridade que teceram á obra de Elbel os mais rasgados elogios. Gury (edição IV de Germania) diz que esta obra é excellente pela sua nitida e sã doutrina e pela exposição e resolução de casos *Prestans sana nitidaque doctrina nec non casuum expositione et resolutione.*

Hurter (Nomenclatore litterario) dá a Elbel a denominação de auctor grave e probabilista muito recommendavel pela sua doutrina e copia de casos practicos; *auctor in re morali gravis et probabilista qui doctrina nec non casuum practicorum copia praestat.*

Lehmkuhl annumera-o entre os auctores classicos de Theologia Moral; *inter classicos auctores Theologiae Moralis numerandus.*

Effectivamente, o padre Bemjamim Elbel é grandemente recommendavel não só por sua mestria em applicar ás graves e complicadissimas questões moraes uma philosophia e logica seguras senão tambem pela maneira agradavel e facil de sua exposição.

O seu methodo reduz-se a isto: assenta d'ordinario como outros auctores as bases ou sejam os principios da Theologia Moral. Depois passa a explical-os com um criterio verdadeiramente privilegiado, evidenciando-os com a solução acertada de tres casos em cada questão. Mas para não deixar nada por dizer, em novos corollarios tira abundantes mas breves conclusões revestindo de nova luz os principios já expostos.

Para que a esta excellente obra nada faltasse de actualidade o M. Rev.º Padre Ireneu Bierbaum reeditando-a teve o cuidado de a fazer concordar com as recentes determinações da Santa Sé sobretudo de eliminar o que em virtude da Bulla apostolica de Pio IX *Apostolicae Sedis* já não diz com o direito ecclesiastico.

Oxalá que o nosso clero saiba aproveitar-se d'esta riqueza de conhecimentos moraes. Querendo-o encontrará na obra de Elbel um tal cabedal de sciencia a que não poderá resistir a moderna impiedade.

A obra está escripta em latim, phrase elegante e harmoniosa, accessivel a todas as intelligencias.

Para pedidos dirigir se ao Rev.º Padre Ireneu Bierbaum O. F. M. Paderborn—Germania.

Candido de Figueiredo da Academia Real das Sciencias. *Os estrangeirismos. Resenha e commentarios de centenas de vocabulos e locuções estranhas á lingua portugueza.*

Lisboa, Livraria Editora de Tavares Cardozo & Irmão. 5 — Largo de Camões — 6.

E' mais um tomo da litteratura pratica, sahido da pena mais abalisada em debates de lingua e litteratura portugueza.

Divide se em quatro partes: GALECISMOS, que occupam 126 paginas quasi metade da obra. ANGLICISMOS, GERMANISMOS e LATINISMOS.

O eruditissimo auctor destaca e assignala, dos galicismos os que cumpre evitar e dos latinismos, aquelles cujo uso é muito geral, e aos menos instruidos em latim causaria embaraço, ou até arriscaria a errar o seu bom emprego.

A clareza, a verdade, a pureza da edição e o chiste tão conhecido por todos os que lêem, no auctor d'esta obra, impõem-na á estima, á attenção e ao estudo de todos.

Os Estrangeirismos juntos ás Lições Praticas da lingua portugueza e ao Novo Diccionario de Lingua Portugueza, deviam estar na primeira parteleira da estante de todos os que escrevem e de todos os que escrevinham.

Se estas obras do dr. Candido de Figueiredo fossem manuseadas assiduamente por os que aventão ao publico productos litterarios, não andaria tão mal tratado o nosso idioma, esta manta de retalhos francezes, germanicos, inglezes, e não sei que mais. Louvores a Deus que não é por falta de mestres e boas obras que isto acontece, mas por falta de attento estudo, e ás vezes de cabeça.

1.º Barão d'Agua Izé e seu filho Visconde de Malanza. — Lisboa, Officinas a vapor da Pap. Estevão Nunes e Filhos, Rua Aurea, 56 a 60.

Contem esta obra quatro memorias:

I. — Barão d'Agua Izé, João Maria de Sousa e Almeida, traços biographicos por Manoel Ferreira Ribeiro.

II. — As plantações de cacau nas ilhas de S. Thomé e Principe, pelo commendador e conselheiro João Maria de Sousa Almeida, barão d'Agua Izé.

III. — Productos agricolas e industriaes da fazenda de Porto Alegre pelo commendador Jacyntho Carneiro de Sousa e Almeida.

IV. — Uma familia illustre por Manoel Ferreira Ribeiro.

Estas quatro partes que formam um folheto de 120 paginas, illustradas com o busto do 1.º Barão d'Agua Izé e com o retrato do Ex.mo Snr. Visconde de Malanza não deixarão de interessar aos conhecidos e amigos dos illustres personagens de que se occupam.

Os Centros Nacionaes *pelo Dom Prior Manoel de Albuquerque, bacharel formado na Sagrada Theologia, do Conselho de Sua Magestade (Edição popular) Braga — Imprensa Henriquina Campo de Sant'Anna.*

Eis um livro de maximo interesse para a situação politica que atravessamos.

Todo o que lê e pensa no estado derrancado e putrido da politica e economia portugueza, e se lembra que a tal miseria nos levaram os partidos rotativos, que inda nos continuam a desgraçar, olha para os Centros Nacionaes como para iris de salvação unica.

Foi esta persuasão intima que fez brotar do coração patriota do Rev.mo Dom Prior de Albuquerque este livro, esta verdadeira apologia dos Centros Nacionaes, estas 343 paginas, sinceras, verdadeiras, eloquentes, onde o erudito ecclesiastico expõe a **missão, necessidade, organisação externa,** e as **alegações** reaes e possiveis, propostas ou proponiveis contra a vida dos Centros Nacionaes.

Aos portuguezes desenganados da politica rotativa, aos indifferentes e independentes, e sobre tudo ao clero conscio do seu dever n'este transe politico religioso da nossa cara patria, recommendamos instantemente a leitura dos **Centros Nacionaes.**

Evangelho de S. Matheus, *annotado pelo Conego João Joaquim Pinto, bacharel formado em Theologia, deão da Sé do Funchal, Vigario geral e professor de sciencias ecclesiasticas no seminario diocesano. Funchal— Typographia «Camões», Rua da Alfandega, 58.*

Todos os fieis chritãos muito terão que aproveitar na leitura d'este Evangelho que o seu auctor eruditamente annotou, quasi versiculo por versiculo, com uma orthodoxia segura e clara.

E' um folheto, em grande formato, de 218 paginas com um indice alphabetico.

Fabiola. *Ensaio dramatico. (Quasi totalmente extrahido do conhecido romance do mesmo nome do Cardeal Wiseman.) Por Frederico Diniz de Ayala. Nova Goa. Typographia da «Casa Luso-Franceza.»*

Trabalho dramatico que revela estudo da arte, e erudição historica no seu auctor, já bem conhecido na imprensa.

Da antiga e acreditadissima LIVRARIA CHARDRON, recebemos as obras seguintes,

que muito agradecemos, pedindo desculpa da demora em annuncial-as: foi por falta de espaço.

Vinte sermões do Rev.mo Conego Dr. Costa Pinto. *Segunda edição.*

Das poucas publicações oratorias portuguezas, esta é das poucas, das raras até, que com summo gosto recommendamos aos nossos leitores. Não são, estejam certos, vinte conferencias scientificas proprias de uma cadeira da Universidade de Coimbra, nem vinte discursos, eivados de criminoso naturalismo, profanos, paganisados, são vinte sermões, repletos de unção christã, escriptos com verdadeira eloquencia sagrada. Achamol-os dignos da attenção dos sacerdotes, e dos fieis que se dão á piedade.

Bibliotheca de Estudos sociaes contemporaneos. *Basilio Telles.* III. *Introducção ao problema do trabalho nacional.*

Aos sabios n'este ramo de estudos, aos leitores e amadores dos estudos sociaes, indicamos a obra do erudito escriptor Basilio Telles, cuja terceira parte é este tomo.

Escripta com estylo scientifico e claro, esta obra deve agradar a todos os que a lêrem, ou antes estudarem, porque a **Bibliotheca de Estudos Sociaes,** não é um romance, um livro de recreio, um folheto para lêr, é livro de estudo.

F. Palma de Vilhena. *Guia agricola, pratico e portatil.*

Este tomo de 196 paginas é uma especie de *agenda* onde com clareza e precisão se resumem variadissimos assumptos, que a cada passo interessam o agricultor.

Encerra este tomo, noções geometricas sobre SUPERFICIES, VOLUMES, PESOS E MEDIDAS. Noções praticas de PHYSICA, MECHANICA E IRRIGAÇÃO. Elementos de **Agricultura:** TERRENOS AGRICOLAS, ESTRUMES, ADUBOS ORGANICOS INTENSIVOS DO COMMERCIO, ADUBOS CHIMICOS, ADUBOS CHIMICOS COMPOSTOS **Gados. Construcções ruraes. Viticultura:** PODAS, ACCIDENTES E DOENÇAS DA VINHA, DOENÇAS FISIOLOGICAS, PARASITAS NEYETAES, PARASITAS ANIMAES, DOENÇAS MICROBIANAS. **Oenoiogia:** VASILHAS, VINHO DE FRUCTAS, DOENÇAS DO VINHO, VINAGRE. **Lacticinios. Arboricultura. Horticultura, Anicultura. Culturas florestaes. Instrumentos agricolas. Substancias medicamentosas. Legislação agricola.**

Como vêem este pequeno manual contem resumidamente todas as noções mais necessarias ao agricultor, que comprehende alguma coisa da arte agricola, e que não se guia na cultivação dos seus campos pelos velhos usos, rotina sagrada e intangivel, herdada de seus avós.

Brochado custa 400 réis, cartonado 600 reis.

J. de Vebram. *A fabricação dos licores. Com illustrações no texto.*

O auctor divide em cinco partes o seu livro de 304 paginas: **Os licores em geral. Os licores naturaes. Os licores artificiaes. Os fructos para aguardente. Analyses.**

Os interessados n'este ramo de commercio muito aproveitarão com a leitura d'esta obra.

Julio Brandão. *Maria do Céo (cartas de Marcello).*

E' um romance cujo elogio mais cabal é acertado é o nome do seu auctor. Quem lêr dirá.

Lyceu nacional central de Braga. — Anno lectivo de 1901 a 1902.

Discurso proferido pelo reitor do lyceu, Antonio José da Silva Corrêa Simões e Relatorio referente ao anno escolar de 1900 a 1901. — Braga, Typ. de J. M. de Sousa Cruz.

Pia União de Caridade, *sob a protecção de Nossa Senhora do Perpetuo Soccorro. Relatorio e contas relativo ao anno economico de 1900 a 1901.*

Lisboa, Minerva Peninsular de João Alberto dos Santos — 111, Rua d'Atalaya, 113.

Almanaque de los amigos del Papa.

O nome e fama tão universal d'este pittoresco, instructivo e moralisador Almanaque são o seu mais eloquente e sincero elogio.

O Posser e o Theatro Anormal por Cesar Porto.

Lisboa, Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, Rua da Prata, 160.

El partido romerista *por D. Manoel Lorenzo d'Ayot, director de La Reforma Literaria. (Biblioteca Espanhola).*

Madrid, Imprenta Espanhola, Calle de la Cabega, 3.

Carlismo y Españolismo *Primeira Serie. Copia textual de todo el n.º del Semanario Luz Catolica.*

Repouse au Révérend Pére Ludovic de Besse *par Louis Durand.*

Dijon, Imprimerie de l'Union Typographique 40, Rue Saint-Philibert, 40

M. Polo y Peyrolón. — *España y la Masoneria 2.ª edicion, corregida e aumentada.*

Valencia, Tipografia Moderna, á cargo de Miguel Gimeno, Avellenas, 11.

A's pessoas que se dedicam aos estudos e propaganda antimaçonica recommendamos este folheto de 107 grandes paginas.

Antonio Carvalhal. — CANTARES. — *Famalicão — Typographia Minerva-Editora, 6 Rua de S. Antonio, 6.*

E' um folheto poeticamente esguio, de 40 paginas, contendo umas noventa e seis quadras de redondilha maior, que o auctor dedica a uns certos entes da sua aldeia.

O snr Antonio Carvalhal promette ao publico para breve: Orações d'amor (mas não ao Santissimo Sacramento, estou certo d'isso) e a seguir Cancioneiro do Coração.

Valha-me Deus já ha tanta coisa d'esta na imprensa.... já estou tão enfartado d'isto .. mas emfim é fatalidade poetica deixar vir o que vem.

Euclides Costa. — ESCARVOADAS (Prosa).— *Typ. da Papelaria Palhares, 142, Rua do Ouro, 143. Lisboa.*

E' um tomosinho pequenissimo de 130 paginas, levando em conta o prologo do Snr. Manoel Greaves, as dedicatorias, e as em branco para dar elegante espaço.

Divide-se em duas partes contendo cada uma 12 artiguinhos, occupando alguns 12 linhasinhas, não descontando os espaços occupados pelas exclamações longamente admirativas ou exclamativas.

Christã por I. J. Kraszewski. — *Versão de Annibal Passos — Livraria Moreira, editora.*

E' um bello romance em forma de cartas. E diga-se desde já em abono da verdade, é um bom romance em todo o sentido da palavra, e nada semilhante a esses romances repletos de figurinhas parnographicas que pullulam como cogumélos no tempo de outomno das livrarias pouco conscienciosas.

Ninguem tem de córar lançando os olhos sobre as paginas encantadoras da *Christã*. Póde ser lido por todos, porque não briga com as crenças de ninguem, nem com a pureza de seu coração.

A' *Christã* que precedeu o *Quo Vadis*, e que foi a sua inspiração, reconstitue a cidade de Roma no tempo de Nero.

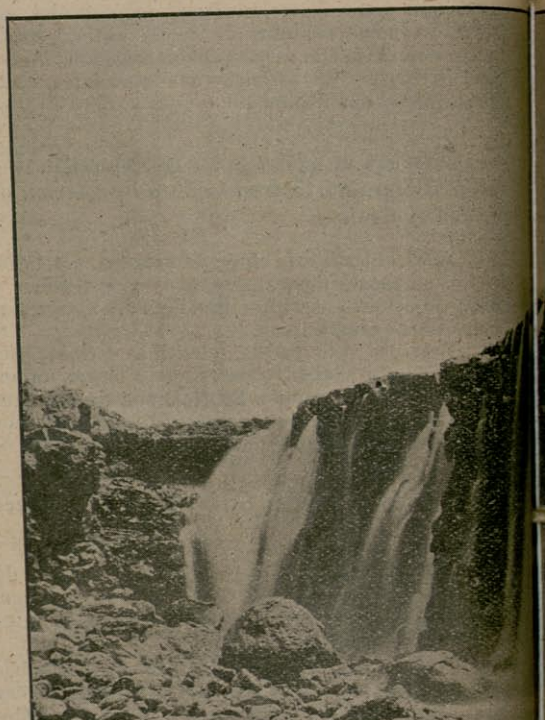
Lendo attentamente, a nossa alma revolta-se ao vêr os crimes que se commettiam n'essa nova Babylonia e o rebaixamento moral a que tinha chegado a sociedade pagã.

E' ahi que Nero, esse ser humano embrutecido por toda a qualidade de crimes, é fielmente retractado com as mais vivas côres.

Todos pouco mais ou menos conhecem esse monstro humano, que se desembaraçou de todas as peias e laços incommodos para se tornar um tyranno; mas ninguem de certo conhece as proezas infames do seu coração corrompido e ferino, que sacrificou á sua raiva milhares de christãos innocentes. E' na *Christã* que se conhece a vida intima d'esse tigre insaciavel!...

Mas como é bello vêr a virtude dos christãos ao lado de toda essa corrupção hedionda?! A sua paciencia, os seus soffrimentos, as suas torturas faziam a admiração d'essa sociedade sem luzes, sem crenças e sem virtude. E cada cabeça d'um christão cahida debaixo da espada do carrasco era a semente de milhares de heroes do christianismo.

Eis o que aprendemos ao lêr as elegantes 302 paginas de que se compõem o romance da *Christã*. Felecitamos o editor de dar ao publico uma tão boa obra, e agradecemos reconhecidos a offerta com que nos mimoseou.



UMA

As nossas illustrações

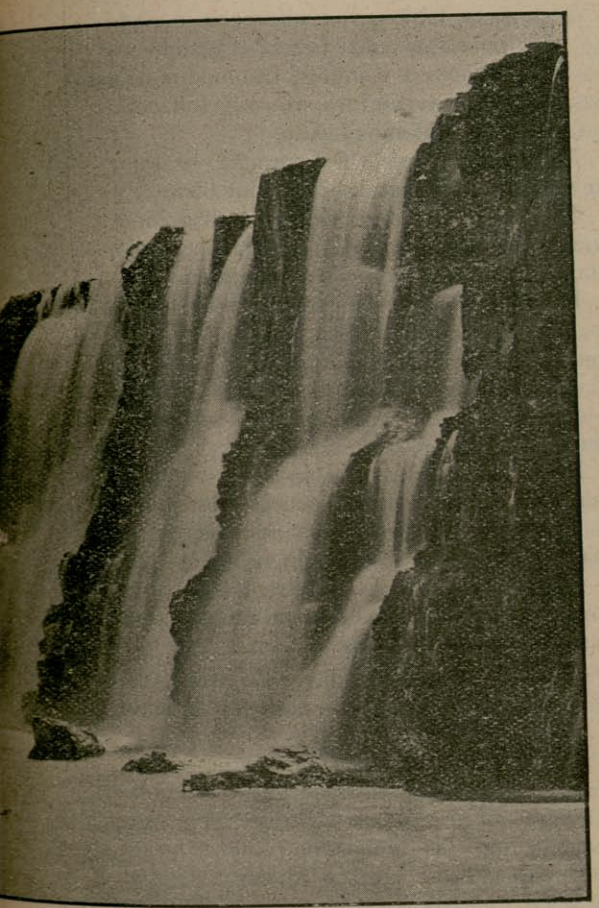
1 — JESUS E O SEU PRECURSOR. — Não deis este nome áquelle bello quadro; chamae-lhe antes A SÊDE DE JESUS.

Certo dia passando Jesus menino pelos arredores de Nazareth teve sêde. Não lhe faltavam fontes de crystallinas aguas a ge-

mer bem perto, mas o Salvador não quiz beber ; sentado á sombra da idosa palmeira soffreu securas d'aquella dolorosa sensação.

E chorou.

Passaram as visinhas, cujo enlevo era Jesus, e as caritativas nazarenas, vendo o pranto do amor da sua alma, choraram com Elle, e correram a trazer-lhe agua, mas Jesus não acceitou, não quiz beber.



ATA (MEXICO)

Continuou a chorar.

Vieram as aves da selva, pipitaram-lhe mil canções amorosas, poisaram-lhe as asitas pelo rosto para lhe enxugar as lagrimas, trouxeram-lhe agua nos bicos, instaram com mil caricias, mas enxotou-as, não quiz beber. Ficaram-se as avesinhas chilreando tristes sobre a palmeira.

Jesus chorava com ellas.

Chegaram-se os cordeirinhos, alvos como as flôres de Jericó, que pasciam perto, coçavam se uns aos seus pés outros puxavam-lhe pela tunica, outros guiando á fonte chamavam-no com ternos balidos, mil astucias amorosas, innocentes, mas Jesus não se levantou, não foi beber.

Deitaram-se-lhe aos pés balando chorosos.

Jesus chorava com elles.

Sopraram, frescas, balsamicas, dulcisonas brisas, encurvaram-lhe sobre o collo os ramos da palmeira prenhe de namorados fructos, e balançando-os sagazmente perante o rosto lacrimoso tentavam-n'o a cortal-os. Jesus nem os viu, não quiz matar a sêde.

A brisa começou a suspirar melancholica pelo palmeiral.

Jesus com ella gemia.

Desceram anjos do ceo, com crystallinas taças de celeste bebida para dessedentar o seu Rei e Senhor, mas despediu-os, não quiz matar a sêde.

Os paranymphos do imperio, cobriram o rosto com as azas de neve, e voltaram chorosos ao Paraiso.

Jesus ficou a chorar.

Maria, a mãe extremosa, que tudo presenceara de traz de uma palmeira, levou agua a seu filho, que lhe morria á sêde. Mas Jesus fez-lhe um aceno negativo e não quiz acceitar.

A Virgem Mãe, para quem não era nova aquella triste scena, retirou-se com as lagrimas a borbulhar dos divinos olhos, e o o pranto de Jesus continuou a regar o tronco da palmeira secular.

Jesus chorou... chorou.

Com elle suspirava a Virgem dolorosa e triste ; pranteavam os anjos, carpiam as nazarenas com lastimas o menino de Maria, a quem estremeciam como mães, balavam tristezas os cordeirinhos, trinavam melancholias as aves, murmura suspirante mil queixas a brisa, e a mesma fonte gemia amarguradas canções.

Tudo chorava com Jesus.

E não havia quem lhe chegasse aos ardidos labios uma agua de que gostasse, que lhe matasse a sêde que parece assal-o.

Jesus chorava ainda...

Instantes depois, passava ao largo S. João Baptista, em direcção da casa do seu divino primo de Nazareth.

Jesus chamou-o.

S. João correu para o primo da sua alma.

Chegou, e ao vêr correr-lhe dos olhos pisados tantas lagrimas, deitou-se-lhe ao pescoço, n'um abraço prolongado deu-lhe muitos beijos, e com as lagrimas nos olhos — pois o amava tanto, tanto — perguntou-lhe o que lhe doia.

Jesus em resposta pediu-lhe agua.

N'um abrir e fechar de olhos o Baptista apresenta-lhe a sua escudella de viagem a transbordar.

Jesus bebeu então e saciou-se. Deu em paga a João um demorado abraço poisou-lhe nas rosadas faces dois divinos osculos e não mais chorou.

Ambos abraçados irmãmente dirigiram-se para Nazareth.

Os cordeirinhos pularam de contentes e foram para o pasto, as avesinhas acompanharam o divino par, chilreando alegres de palmeira em palmeira, a brisa pelo arvoredo era uma harmonia festiva ininterrupta, nos ceos ouviam-se coros de anjos, os caminhos eram um tapete de mil florinhas bellas, as arvores tinham mais flôres, mais aromas os lyrios e açucenas, mais murmurios os regatos, mais suavidade, musica, extasis a natureza.

Toda a visinhança da casinha de Nazareth abraçou e beijou cem vezes os dois primos, rivaes em graças e innocencia.

Jesus passou o resto da tarde entretido com S. João, e n'aquelle dia não chorou mais.

*

* *

Ouvistes creanças innocentes? Reparastes educadores?

E' para vós ambos esta parabola; penetraste-lhe o sentido?

A sêde de Jesus não era effeito de calores ou fadigas, não era securas de labios, era sêde que lhe queimava o coração, que lhe repassava de calor o intimo da alma.

— Era a sêde da innocencia.

Maria e os anjos não lh'a puderam matar, por que são creaturas do céu, e Jesus tem sêde das almas innocentes dos seus irmãos da terra.

Esta sêde que nasceu com elle no berço, que, morreu com elle na cruz, mitigada apenas, só os innocentes lh'a podem matar.

Creanças, em cuja alma não fez abrolhar ainda o crime os espinhos lacerantes do remorso, Jesus tem sêde da vossa candura, da vossa simplicidade, da vossa pureza de coração, -- da vossa innocencia -- quereis dar-lh'a? Jesus pede-vos com lagrimas esse refrigerio para o seu coração sedento, quereis matar-lhe a sêde?

Quando vossa mãe, sedenta de amor, vos estendeu os braços, para vos apertar ao coração, negastes-lhe um abraço?

Quando vosso pae, faminto, de um beijo de vossos labios, vos offereceu o rosto não lho poisastes nas faces? Quando os vossos familiares e visinhos, fascinados pela vossa sympathica candura, vos offertou collo e afagos, negastes-lhos? Não.

Mataste-lhe a sêde do coração —o amor que vos testemunhavam tão francamente.

E a Jesus, que tem sêde de vossa innocencia, que chora por ella, não lha matareis, dando-lhe o vosso coração immaculado?

Dae, innocentes, dae essa esmola a Jesus, que elle saberá recompensal-a: cá com uma vida socegada, sem remorsos, nem duvidas cruciantes de consciencia, lá no Paraiso com os hymnos dos anjos, com a felicidade eterna.

E vós paes de familia, lembrae-vos que Jesus exige de vós a innocencia dos filhos que vos deu. Entregou-os innocentes aos vossos cuidados, á vossa educação, e quer os receber innocentes. Entregou-vos uns anjos sem mancha, não quer receber uns devassos, uns criminosos.

Concorrei, com este dever do vosso estado, para o refrigerio do coração sedento de Jesus.

Recordae-vos tambem vós, educadores, quem quer que sejaes, recordae-vos continuamente que Jesus tem sêde das almas innocentes, que dos braços da mãe sahiram para a vossa casa, para o vosso collegio; que Jesus quer os abraços as caricias d'esses innocentes. Recordae-vos que perpetraes um sacrilego e inaudito furto, se roubares a esses corações esse dote que é o seu enlevo, a sua graça a sua unica grande riqueza. Que esses botões mimosos entreabertos aos raios da graça divina, que as mães confiaram ao vosso acreditado zelo, que transplantaram para o vosso jardim, não percam as côres e os attractivos, não murchem, não lhe caiam as petalas mimosas na lama. Que não saia do vosso aposento criminoso, quem entrou um anjo.

Se os paes de familia e todos os educadores cumprissem escrupulosamente os seus deveres a este respeito, Jesus não voltaria a sentar-se sob a palmeira idosa a chorar.

Mas porque não é comprehendida a SÊDE DE JESUS, tem Jesus tanta sêde, chora tanto Jesus.

*

* *

II — PULPITO DE OMAR SOBRE A PLATAFORMA DO TEMPLO. — E' uma celebridade muito admirada pelos viajantes da Terra Santa.

Em frente á porta Sur da Grande mesquita de Omar alarga-se um espaçoso portico, suspenso por quatro columnas. E' a oeste, que se ergue o pulpito de Omar, d'onde os sacerdotes mahometanos prégam aos seus correligionarios as crenças do alcorão, na sua quaresma.

Talvez que algum leitor cubiçasse ver esbracejar eloquentemente algum zeloso professor das doutrinas mahometanas, de cima d'aquelle marmoreo pulpito?

Para fazer uma ideia, não é necessario ir tão longe. Temos por cá, se não fazenda egual, pelo menos muito similhante. Não haverá á mão pulpitos mahometanos, mas temol-os mahometanizados. Quero dizer: pulpitos profanados e oradores profanantes.

D'isto ha, e muito.

Inda os não ouviste, leitor? Pois quando annunciarem os jornaes «Te-Deum» solemne, Festividade de N. S. das Dôres, do Senhor dos Passos, sermão do Enterro, chega-te e farás ideia do que eu chamo agora, um sermão á mahometana; ouvirás fallar d'um pulpito christão mahometanamente.

A Virgem Dolorosa, cujo divino pranto, visto á luz da Acetica christã, vos faria estalar o coração de dôr, é vos representada no retrato de uma bella, de uma elegancia feminina, de graças e sympathias fascinantes, namorada de todos, chorando triste um immenso infortunio... a perda de um ente querido, de um amor unico.

No sermão do Enterro, Christo não é o Salvador da humanidade perdida, que veio com sua morte matar a nossa morte, não é o divino archetipo da resignação, da doçura, do perdão, do amor. E' o heroe supremo, o martyr da liberdade, um vulto proeminente na Historia do mundo, e de sympathia universal.

A Cruz, não é para taes oradores, o modelo do nosso soffrimento, motivo da nossa resignação, fundamento da nossa esperança, penhor da nossa felicidade eterna. E' o labaro invicto da liberdade, o pharol da civilisação, o venerando patibulo d'um martyr augusto, d'um heroe sem par, visitado e amado fanaticamente pelos povos de dois mil annos.

No discurso funebre, o finado, se patenteou alguns traços de honradez, é apresentado como um cidadão modelo, cumpridor dos seus deveres civicos; se mostrou alguma tibia piedade, canoniza-se.

Todos os assumptos, ainda os mais graves e santos da religião, são tratados em certos pulpitos, como o faria um mahometano, — um profano — se lêsse a Historia sublime da nossa religião: dissertaria do exterior, do que affecta as paixões estheticas, do que põe o christianismo em relações com as bellas artes, sem comprehender nada do espirito, do interior, que move o coração, e relaciona a alma com os mysterios da Eternidade.

Sermões de estes oradores não podem fazer christãos, mahometizam, profanão, fazem pagãos.

*

* *

III — CASCATA DE JUANACATLAN. — Esta catadupa uma das mais bellas do mundo, é uma joia do Mexico physico, que todos os viajantes visitam e admiram.

E' formada pelo Rio Grande de Santiago, que se despenha de um dos pincaros da Serra Madre e vae desaguar no Pacifico. Fica proxima de Guadalajara, capital do estado de Jalisco.

Depois d'estas noticias geographicas, que direi aos meus leitores, d'aquellas cousas que lhes costumo dizer aqui?

Aposto que nenhum concebeu, ao apreciar esta bella cascata, uma ideia congenere á que me saltou á mente logo que afi tei?

E' exotica, até faz rir, mas talvez aproveitemos em external-a.

Lembrei-me (isto de politica é um visco muito peganhoso) do governo que continua a desgovernar a nossa pobreza, e fixando esta gravura, vi nem eu sei como, duas grandes cascatas muito mais ruidosas que esta.

Uma de libras esterlinas, cuja caudalosa corrente, nascia filamentosa nas algibeiras dos lavradores, dos operarios, officiaes, commerciantes, de todos os que trabalham e suam para ganhal-o engrossava pouco e pouco, subia com impeto o pincaro altivo do ministerio, e caía com horrido fracasso para além dos Pyrineus, espraiando se ligeira pelo estrangeiro. E disse commigo: que felizardos são os nossos credores! quem dera ter uns devedores assim ricos e generosos! e dizem que não ha ouro em Portugal; não ha mas é quem o poupe e governe.

A segunda não menos caudalosa, nascia da crista do mesmo pincaro, e espadanava para todo o paiz, a modo de chafariz. Era uma alluvião de inspectores e subinspectores regios, effectivos para repartições e cadeiras, substitutos, e addidos, a entrarem pelos escriptorios com pressa faminta. E murmurei ainda commigo: os poucos vintens que nos legaram os nossos avós exportam-se para o estrangeiro, e por cima assalta-nos ainda esta corja de malandros, que querem ganhar o pão de costas direitas, á custa do suor dos que trabalham. Porque são afilhados das sumidades politicas, afidalgam-se e não querem suar. Boa vae ella....

E depois de outras reflexões similhantes, acordei espantado de ter sonhado com politica, ainda que por curtos segundos, pois a minha não passa de politica lida, e enxotei estas ideias profanas do meu espirito.

Mas, (mau é dar-se a gente a ocios de fantasia), ao rever a presente de que muito gosto, sonhei terceira catadupa, muito differente das anterioras. Jorrava caudalosamente em feiches de explendorosa luz, do peito do divino Salvador, e chovia torrencialmente sob as nações que a solicitavam.

Ao despertar d'este novo, mas agradadavel sonho de abstracção, estranhei a antithese apparente das ideias que parecem oppor-se, politica e céo; mas afinal acheilhe relação intima.

No primeiro sonho representou-se-me a molestia de que Portugal enfermou, e continuará doente; no segundo o remedio efficaz, o seu especifico

Muito pode fazer um grupo politico genuinamente catholico, crente, são, patriota e honrado; muito bem pode semear na nossa patria, mas quem ha de regar-lhe a sementeira, fazel-a germinar, amadurecer, e dar fructos, ha de ser aquella grossa torrente de graças divinas, que mana do peito do Salvador.

Almas piedosas, que esta verdade comprehendeis, não sejaes egoistas nas nossas orações. Antes de vossos paes, antes de vossos avós, lembrae-vos perante Deus, da nossa patria, d'esta mãe querida, que deu a visa vós berço tecto e campa.

Orae por Portugal. Implorae do Coração do Salvador graças para a nação, cujos filhos primogenitos, tanto dilataram a fé christã, levando a civilisação do christianismo a todos os mundos.

Orae pela desgraçada e agenciada Lusitania. Deixae rir o indifferentismo, deixae-o caçoar da vossa racional e christã piedade; cumpri o vosso dever: orae pelos que não oram; resae gela vossa patria, que bem poucos filhos d'ella se lembrarão.

Onde viemos parar, leitor! Da politica passamos ao céo; começamos a rir e acabamos a resar. Ha gravuras tão magicas que nos levam para onde querem. A CASCATA DE JUANACATALAN é uma d'estas.

Chronica universal

PORTUGAL (1)

Retrospecto mensal sobre a politica portugueza. — Depois de algumas tempestades, que pareciam deitar por terra os membros do Olympo portuguez, tudo serenou, chegando se ao periodo das calmarias. Os membros do senado portuguez, após a passagem do convenio pelas fôrcas caudinas, retiraram-se para longe de S. Bento, para gosarem do repouso necessario, capaz de retemperar as suas forças tão extenuadas por alguns maus quartos d'hora de Rabelais soffridos mau grado seu na discussão do malfadado contracto.

Por causa do convenio, por causa de reformas e reformecas do snr. ministro da marinha, por causa de tricas politicas ou coisa que o valha, fallou-se que o governo cahiria necessariamente; mas infelizmente não succedeu assim, esperando

(1) Para darmos mais vasto desenvolvimento ás chronicas de Portugal e Hespanha, fomos forçados a retirar as noticias de Roma e d'outros paizes europeus, falta esta que os nossos leitores nos relevarão.

N. da R.

esses boatos de crise tantas vezes annunciados pelos jornaes e pelo telegrapho, um dia em que a Providencia se lembre de Portugal e atire lá para bem fundo com todo esse governo que tem acarretado sobre nós a ruina e a miseria.

Gosa se pois na politica portugueza actualmente d'uma paz octaviana, reduzindo-se o trabalho do snr. presidente do conselho, a chamar de vez em quando a Algés os outros membros do ministerio, para tractarem ás vezes de questões *de lana caprina*, ou para receber um batalhão de maltrapilhos e esfaimados aspirantes ao subinspectorado, que lhe pedem um osso para roerem por alguns pares de mil réis.

Mesmo assim o snr. presidente do conselho finge-se de vez em quando atrapalhado, mas temendo que o demo do franquismo se metta nos ossos dos seus correligionarios, satisfaz a todos os esfaimados, que lhe vão pedir empregos. Pudera! O dinheiro jorra a rodos pelas portas dos ministerios sobre o Terreiro do Paço!... Quem quizer portanto adquirir hoje um emprego é só ameaçar o chefe do partido regenerador que se passa aos franquistas ou nacionalistas. Archivem os nossos leitores, que lhes poderá ser util! E nada mais se sabe sobre a politica portugueza no mez transacto, porque tudo o mais se occulta por detraz das tenebrosas e sombrias arcadas do Terreiro do Paço.

Não sei se os leitores têem reparado n'esses mysterios da administração publica que ficam sempre soterrados dentro d'esses gabinetes que rodeiam o espaçoso largo do Terreiro do Paço. Chama-lhes o illustre periodico portuense a «Palavra» *mysterios da casta*, nome que condiz perfeitissimamente com a realidade do facto.

Tem-se, por exemplo, fallado em muitas complicações diplomaticas, na venda das colonias, nas exigencias pesadas e absurdas dos *comités* dos credores externos, nas negociações de alta politica a respeito da recomposição ministerial, etc. etc... Mas tudo isto corre de bocca em bocca debaixo da fórma confusa de pregões e boatos, sem que o publico, ou melhor a nação, conheça alguma coisa de positivo senão quando o governo muito bem lhe apraz de o dar á publicidade.

E' realmente o systema governativo do mysterio que impera triumphante sobre tudo; o segredo observa-se sempre inviolavelmente em todos os casos, ainda n'aquelles que por mais graves e difficultosos, pediam para a sua solução completa o concurso ponderado de todo o paiz.

São *mysterios da casta* na verdade! Os sacerdotes e sacerdotizas tambem tinham seus bosques sagrados, onde nenhum curioso podia ir desvendar os seus segredos; tinham os sybillas as suas cavernas, onde só podiam penetrar aquelles que se filiavam nos segredos infames, occultos pelas trevas espessas d'essas regiões subterraneas.

Entre nós existe da mesma maneira um segredo da casta *sacerdotal* dos politicos, milhares de vezes peór que todos esses ridiculos cultos e cerimonias degradantes dos antigos sacerdotes que povoavam os bosques e as cavernas.

O homem politico de hoje, sobretudo o politico governante procede como facinora e criminoso, que tem mêdo que o seu crime se commetta á luz do dia, pratica-o ás occultas para evitar as suas consequencias desastrosas. Se os leitores observassem, veriam a prova d'esta verdade na celebre questão do convenio tão ventilada por todos os jornaes do paiz

A nação ignora absolutamente como foi feito esse contracto; desconhece as suas clausulas mais importantes; nunca lhe revelaram o peso dos novos encargos que iam contrahir Porem o governo conhece perfeitissimamente tudo isso; comtudo guarda cuidadosamente as leis do mysterio, porque ai d'elle se o publico desvenda esses segredos! O prestigio politico, a sua força e energia cahiriam fatalmente. Qual o motivo porque esta casta politica, que monopolisa a direcção do paiz não põe ás claras tudo o que interessa á nação? A razão é peremptoria e simples; não revela, porque não tem forças para arcar com todos os effeitos e consequencias que podem advir de tudo o que se faz ou de tudo o que já está feito.

E' necessario pois que o paiz se esforce por destruir esse systema avelhentado do mysterio.

Hoje que tanto se falla em progresso sem se saber o que a palavra significa, trabalhe-se tambem por este progresso, lucte-se com força para arrancar debaixo das arcadas sombrias do Terreiro do Paço, essa lei do mysterio e substitui-a por outro regimen de publicidade.

Um governo honesto tem sempre outra fórma de conservar o seu prestigio; é uma administração honrada e clara, que possa por todos ser conhecida. O prestigio que se fundamenta sobre o mysterio é falso, cobarde e indigno d'uma nação civilisada.

Trabalhemos pois todos para fazer deitar por terra esse regimen do tempo de Nero e Diocleciano, mas indigno de uma nação que se presa de ser meia civilisada.

Este systema está condemnado a desapparecer; mas é necessario que trabalhemos todos por lhe abrirmos o sepulcro e o enterrarmos o mais depressa possivel.

Qual será o futuro de Lourenço Marques? — Está feita a paz entre as duas republicas do Transvaal e Orange com a Inglaterra. Não discutimos agora de qual das partes estava a justiça; só dizemos que de parte a parte foi heroica a lucta; comtudo os povos das duas republicas distinguiram-se pelo seu patriotismo levado aos extremos do heroismo, e a Inglaterra, pela força de caracter e energia em sustentar tantos revezes d'uma guerra dispendiosissima. Depois da paz naturalmente todas as nações que têem direitos adquiridos na Africa Austral procuram estabelecer, desenvolver e ampliar as vias do progresso e da civilisação.

Ora Lourenço Marques com optima situação geographica, é o ponto culminante para onde convergem todas vistas e attenções. Poderemos e saberemos nós ter essa comprehensão nitida e clara da verdadeira civilisação das nossas colonias, da sua verdadeira orientação e do modo como devemos proceder n'este momento historico para a nação portugueza?

O que temos feito nós até hoje?

O que iremos nós fazer? Qual é o futuro que nos espera?

Lançando uma vista d'olhos para o nosso passado, vemos que elle não póde ser mais tenebro-

so ; temos abandonado por completo a civilisação e a administração da Moçambique.

Para que o nosso futuro não seja egual ou peior, tomemos a peito o engrandecimento d'essa colonia que tanto bem podia prestar a Portugal.

Oiçamos sobre este mesmo assumpto algumas ponderações transcriptas com a devida venia do *Jornal das Colonias*. Depois de mostrar o illustre periodico que a guerra se tinha concluido diz que entramos verdadeiramente n'uma nova phase.

«Lá na extrema Austral do grande Continente Africano, diz elle, onde o organismo de uma nova nação palpita em gestação,—vae agora, sob o impulso das reacções inherentes á reforçada crise, que as armas imposeram, continuar-se a viva competencia, pelos progressos e pela riqueza, já do anterior esboçada, com essas vehemencias fogosas, — a custo comprehendidas entre as regradas sociedades da velha Europa — mas espansão natural de um meio tão mesclado de ambiciosos insoffridos, de aventureiros irrequietos, expatriados sem fortuna, investindo á conquista de uma patria e de uma fortuna.

Não apenas pela força dos exercitos, que o teor do documento da paz, tal como o conhecemos mostra não ter assegurado tudo, mas pela onda avassaladora dos seus emmigrantes, com capitaes, illustração, iniciativa e espirito pratico, a Inglaterra acabará por incorporar, de facto, na vastidão de seu Imperio, já sem precedentes, o *dominion* da africa Austral...

Preferencias do velho Kruger, — cujos objectivos finaes não se tracta aqui de descortinar — haviam escolhido Lourenço Marques para porto do Transvaal, e assim, contra a concorrencia dos portos inglezes, tinhamos nós o apoio da Republica boer.

Anullado este facto favoravel emquanto os nossos jornaes no trafego adquirirem, pelo contrario, a protecção, logicamente incluida no novo estado de coisas, — a lucta economica pronuncia-se para nós com o caracter de maiores difficuldades.

E noticias soltas da imprensa fornecem certa ideia ácerca da actividade, que desenvolvem os nossos adversarios commerciaes, e dos meios que põem em jogo».

Depois o auctor do artigo de que acabamos de transcrever estes periodos mostra como se não descança nos melhoramentos dos portos circumvisinhos de Lourenço Marques para que nos façam uma guerra commercial.

Assim será ; a Inglaterra primeiramente fará uma guerra de morte ao nosso commercio e depois mais tarde quando as circumstancias o permittirem lançará mãos ao porto de Lourenço Marques, que é a chave de ouro para a sua nova possessão do sul da Africa.

Só um governo intelligente poderá luctar contra as vistas ambiciosas da nossa alliada. Oxalá que o governo portuguez saiba comprehender a responsabilidade do momento actual.

D. Manoel Barreto e a politica regeneradora. — Nenhum dos nossos leitores ignora por certo a guerra infame que tem movido os regeneradores do Funchal ao illustre prelado madeirense. Porem não podiamos concluir a chronica de Portugal sem chamar-mos a attenção de todos para este ponto em que um prelado onde floresce a virtude e a sciencia é perseguido por uma horda de selvagens e quadrilheiros regeneradores sómente porque esse illustre prelado não apoia a sua politica e os seus crimes.

Revolta e faz subir o sangue ás faces ao ver os meios que se têem empregado para fazer desistir o Santo Bispo do seu posto de honra. Ameaças, as mais repugnantes, promessas e salamaleques tudo se tem posto em campo contra elle. E é este governo que se diz honesto, que arvorou a bandeira da *vida nova*, é este mesmo que approva estes escandalos !

Que canalha tão vil ! !...

HESPANHA

Estado politico de Hespanha. — Quando fallamos na ultima chronica sobre os males d'Hespanha. attribuimol os aos dois partidos *del turno*, que sempre têem o poder. E não fomos pessimistas. A verdade d'este facto é tão clara e evidente que qualquer espirito observador póde facilmente comprehender que não nos enganamos. Quem conhecer o verdadeiro estado da sociedade hespanhola, quem lançar uma vista d'olhos sobre a sua passada grandeza e sobre os motivos da decadencia actual, verá logo que os dois partidos politicos hespanhoes fundamentados sobre o liberalismo, foram os unicos fautores da sua ruina.

E' certo, que lá como cá os males são muito grandes, e que para estes grandes males são necessarios grandes remedios.

Se a sociedade hespanhola quer levar a sua regeneração a um bom termo é indispensavel primeiro que tudo renunciar aos erros que se hão introduzido em suas leis e até em seus costumes ; só assim poderá alcançar a restauração nacional.

Foi o liberalismo que arruinou a Hespanha ; esse liberalismo mal entendido que parece querer chegar na nação visinha aos ultimos extremos revolucionarios. Esse liberalismo arruinou todas as instituições verdadeiramente nacionaes ; para reconquista-las é indispensavel curar desde já, emquanto é tempo, essa gangrena radical socialista que apoiando-se na liberdade quer avassallar toda a Hespanha.

E' assim que sentem todos os verdadeiros hespanhoes, e todos aquelles que têem estudado a causa efficiente e primaria dos seus grandes males.

«Hespanha, diz o *XX Siècle*, tem soffrido muitas provas, porem por meio do trabalho e da energia póde reparar a perda das suas colonias. Mas primeiro que tudo deve curar-se do virús revolucionario terrivelmente funesto para os povos do Meio-dia livre-se ella d'esse cancro malefico e muito depressa se verá florescer e fortificar esse antigo tronco por onde circula uma seiva tão generosa e vivificante».

E' esta a pura verdade O virús revolucionario funesto para todos os povos, é particularmente funesto para as nações latinas onde os intendimentos dos seus povos sendo mais lucidos e claros, acceitando um principio qualquer, verdadeiro ou falso, naturalmente e logicamente acceitam todas

as consequencias que se podem deduzir d'esse principio. Eis o motivo porque os povos latinos devem primeiro que tudo curar-se do virús revolucionario, se querem reconquistar a sua antiga grandeza. Se a Hespanha o conseguir, tornará a ser uma nação gloriosa, a influir no mundo e a acommetter emprezas grandes e generosas como as que lemos nas paginas épicas da sua historia. Feliz da Hespanha se o conseguir.

Queda do snr. Canalejas, ministro radical socialista. — Já estava previsto por todos os periodicos hespanhoes, que Canalejas tinha necessariamente de sahir do ministerio hespanhol. Sahiu só o que não foi muito do seu agrado. Não porque esperasse a sahida simultanea do ministro Moret radical como elle, pois temia-a muito e procurava evital-a por todos os meios já que Moret se queria demittir com o proposito machiavelico (machiavelismo muito pandego, não ha duvida), de tirar á sahida do ministro da Agricultura, a significação perigosa, que, segundo o intender dos liberaes hespanhoes, (e portuguezes tambem) ha em levar arvorada a bandeira do anti-clericalismo e socialismo governamental; para que Canalejas não podesse ostentar essa bandeira, Moret queria discutir com elle, e apresentar como motivo apparente da crise ministerial, uma discrepancia entre os ministros em razão da reunião das côrtes, e manifestar-se elle n'esta questão conforme com o parecer de Canalejas.

Porem isto, não se prestou lá muito ao jogo do ministro e completamente convencido mais da importancia pessoal do ministro, que da bandeira radicalista que elle tinha em suas mãos, quiz, e conseguiu sem grandes difficuldades mostrar claramente os motivos verdadeiros da crise. Porem elle acreditava que alguns ministros, tão convencidos como elle da fortuna que se tem com essa ditosa bandeira apressar-se hiam a pedir a sua demissão. Porem succedeu completamente o contrario, e Canalejas foi sósinho para fóra do ministerio, comtudo sempre com a sua bandeira ao hombro; Sagasta substituiu-o no ministerio por Suárez Inclán personagem de segunda ordem, que atégora não tem feito nada; veremos o que fará no futuro.

Foi por tanto a questão religiosa que pôz fóra do ministerio a Canalejas, feito á ultima hora radical e socialista Porem o governo hespanhol para tirar esta significação que julga tão perigosa, e que realmente assim o é embora haja alguem que pense d'outra sorte, prometteu officiosamente que em chegando o outomno fará quantos horrores sejam necessarios para pôr termo á questão religiosa e revindicar os dominios do poder civil. Aproveitará todo o verão para proseguir com a Santa Sé nas negociações para reformar a Concordata, e ameaçará a côrte de Roma com prazo determinado de tres ou quatro mezes, dentro do qual deverá ser reformado aquelle contracto, e se assim não succeder o governo procederá com toda a sua liberdade da acção legislando por si mesmo sobre as materias ecclesiasticas. No entretanto, para que os anti clericaes não façam barulho, o ministro da Instrucção publica publicará um decreto cerceando profundamente o ensino particular, para que as communidades religiosas não possam dar esse ensino.

Seja o que fôr, o que succeder n'este verão ha de ser decisivo, com relação á questão religiosa d'onde depende a evolução da politica hespanhola.

Os radicaes, caudilhados por Canalejas, hão-de fazer todos os possiveis para reproduzir todas essas series de scenas selvagens que ainda ha pouco tempo se observaram, no reino vizinho. O primeiro fogo já partiu de Valencia, onde uma multidão de socialistas intentou dispersar a procissão do Corpo de Deus apedrejando o Palacio do Bispo, e atacando (infame desacato!) a custodia em que ia o SS. Sacramento.

Em Madrid celebrou-se ao mesmo tempo n'uma reunião progressista um sarau em honra de Garibaldi sahindo depois d'essa reunião um grupo com a intenção de apedrejar o palacio da Nunciatura.

Hão de fazer-se muitas d'estas tentativas. Os maioraes da irmandade dos tres pontinhos procuram um meio de atiçar o grande incendio. Se elles conseguirem isso, ha-de vêr-se uma agitação universal na Hespanha, e se os catholicos ficarem com as suas prudencias habituaes como tem succedido n'outras occasiões, o *Kulturkampf* virá no outomno embora não seja provavel com este governo mas com outro mais liberal intitulado monarchico — democratico ou radical, em que o snr. Canalejas terá como é natural uma influencia bastante predominante.

Se porém não se poder accender o fogo, o verão passará com tranquillidade reduzindo se a campanha demagogica a actos sacrilegos como os de Valencia, concluindo-se por agora este periodo de agitação violenta e a politica em outomno se inclinará infallivelmente para a direita formando-se em Novembro um gabinete conservador; taes parecem ser n'este momento as intenções de Sagasta.

Para que os catholicos hespanhoes não vejam as suas liberdades cerceadas, para que não se vejam espesinhados por um governo franc-mação liberal devem usar n'esta occasião da energia; e deixem-se de prudencias porque á força oppõe-se a força, e só assim é que poderão cantar victoria.

Canalejas feito judeu errante. — O ex-ministro da Agricultura depois de sahir do ministerio fez-se peregrino, para levar aos povos de Hespanha *a santa* doutrina da liberdade e da revolução.

O primeiro campo das suas campanhas foi Soria onde discursou *linda e bonitamente*, comtudo sem desfraldar o que elle chama sua bandeira; porém foi dizendo que se considera o symbolo da regeneração e esperança da patria e outras coisas d'este jaëz altisonantes, sem nexo e sem sentido algum.

Por Alicante e Alcoy vae elle começar a sua campanha de verão que promette continuar até ao outomno.

As lojas maçonicas, sociedades anti-clericaes, grupos socialistas e n'uma palavra todas as forças disponiveis do radicalismo hespanhol preparam-se nas comarcas do levante, e em todas que Canalejas intenta visitar, para que a sua viagem de propaganda dê echo grandioso, não faltando o indispensavel acompanhamento de pedradas e

tumultos contra as communidades religiosas, ou melhor, contra os catholicos.

Pouca protecção, na verdade, se póde esperar das auctoridades hespanholas. Porém, ainda que pareça mentira, o certo é que o governo teme a propaganda de Canalejas. Teme que os seus discursos levantem as classes de trabalhadores, e as lance na revolução social Já por desgraça os catholicos conhecem muito bem como se portam os governos quando temem os motins populares. Por outra parte como podemos confiar no zelo e energia d'essas auctoridades se ellas confraternizam com os principaes demagogos hespanhoes ?!

— Canalejas anda agora viajando pelas provincias do levante, logar principal de propaganda que intenta fazer o ambicioso politico durante o verão. Todos devem conhecer que o ex-ministro soube preparar terreno, com arte não vulgar para obter *estrondosas ovações e recepções triumphaes* que são de lei n'este genero de emprezas.

Para isto, contou em primeiro logar com os republicanos da extrema esquerda, com os socialistas e libertarios. E não se enganou ; os republicanos radicaes que não têem n'este momento outra coisa de maior ruido abandonaram a Salmerón seguindo o ex ministro que lhes parece ser homem com prestigio politico sufficiente para ser nomeado chefe das sociedades livre-pensadoras e leigas e de todos os maltrapilhos das lojas maçonicas.

Os republicanos, empregam pois todos os recursos para atear por toda a parte o espirito revolucionario, ora por meio do jornalismo que forma esses *estados de opinião* que tão alta importancia tem na politica moderna, ora por meio d'essas recepções triumphaes que gozam de grandes predominios nas classes populares.

Depois d'estes preparativos, Canalejas lançou se á sua empreza, e em Alicante e Valencia obteve tudo o que queria a respeito de recepções triumphaes ao som do hymno de Riego e da Marselheza, mostrando tambem a sua eloquencia em innumeraveis discursos!

Deve advertir se que Canalejas em seus discursos não se mostra radical como os leitores julgariam. Assim troveja contra o clericalismo ; mas logo no paragrapho seguinte estende-se em varias observações sobre a sua religiosidade. Diz que não quer ser Torquemada porem adverte logo em seguida que não quer ser cidadão de Nero ; diz aos socialistas que entrevê profundas modificações na instituição da propriedade, porém canta-lhes logo as excellencias do capital. Mimoseia os republicanos chamando-lhes seus amigos e alliados, porém pondera muitas e muitas vezes que é monarchico. Emfim quem attender a estas palavras verá que este novo *judeu errante* é um grande pandego, que quer fazer politica com todos os partidos mais avançados. Comtudo estejam os catholicos hespanhoes de sobre aviso e preparem-se para a lucta, reunam as suas fileiras porque o combate póde ser mais breve do que se pensa. Muitas vezes por detraz de uma luz mortiça esconde-se um grande incendio e um leve tremor de terra póde fazer vomitar um grande volcão.

Eis em poucas palavras o que ha a respeito do andamento politico no reino visinho.

Tornamos a repetir os males da Hespanha estão nos seus partidos politicos que gozam da continuidade do poder. Necessita-se de uma reforma geral d'esses partidos para que ella evite os males imminentes que pesam sobre si. Foi esse partidarismo, essa paixão desordenada de fazer politica que lançou Canalejas nos braços das sociedades ultra-radicaes, as quaes apoiadas pelo operariado descontente pódem fazer levantar em breve a hydra do socialismo em Hespanha.

Hoje foi em Badajoz, ámanhã em Alicante e Valencia, d'aqui a dois dias em todas as cidades de Hespanha.

E quem é o responsavel de tantos males? Todos os politicos da nação visinha. Se querem evitar a sua universal ruina, sigam outro rumo abjurando completamente os erros passados No entretanto os catholicos hespanhoes armem-se de energia, coragem e fé, porque parece estar imminente alguma tempestade.

E' o que nós podemos conjecturar pelos factos actuaes, e como o futuro pertence a Deus, veremos o que a sua Providencia determina.

das lojas que põem em acção todas as seitas, que fomentam todos os revolucionarios, porque todos favorecem os seus intentos: a destruição do papado e a abolição da religião. Não ha anarchistas, socialistas e liberaes, ha **mações** e **maçonisantes**. A verdade é uma só, e as sciencias abraçam-se; o erro é um só e as seitas osculam-se, favorecem-se.

E' certo que os mações e *maçonizantes* juraram vingar-se da opposição feita a favor das ordens religiosas, e esforçam-se por derrubar o edificio que abalaram e se os catholicos se descuidarem, muito veremos ainda. E' verdade que a religião que não foi suffocada no berço pelo gentilismo barbaro, quando não morreu afogada no sangue dos seus martyres, já não acaba. Comparados com Nero, Diocleciano, Juliano Apostata, são pigmeus os mações para algozes da Egreja. Porém muito pode fazer soffrer a esta Mãe a indolencia dos catholicos

Mas o que devemos fazer para combater a grande influencia maçonica?

Façamos para os nossos fins o que a negra seita faz para os seus

A maçonaria assenhoreia-se do ministerio, das camaras dos pares e deputados, das municipaes e districtaes, das repartições publicas e sociedades commerciaes e litterarias, até das grandes confrarias e irmandades que gosam, de influencia politica? Entrem ai os catholicos e expurguem essas collectividades do fermento maçonico que tanto impece o andamento da religião do estado.

A maçonaria une-se a todos os sectarios que lhe podem fornecer armas? Lancem mão os catholicos dos circulos de operarios, das casas de ensino superior, das irmandades e principalmente das ordens terceiras, esteio principal da potitica religiosa, mas infelizmente muito desconhecido ainda.

E' a arma politica, a arma principal das lojas, é por ella que imperam os mações no governo, que nos manda, ou nos desmanda? Agremiem-se os catholicos, sem excepção, n'uma politica, sã, nacional, que faça frente á força politica das lojas. Militar em uma politica onde a maçonaria directa ou indirectamente manda, seria matar a religião e com ella a patria; tornar se independente, seria um crime de consciencia, porque toleramos, ou melhor favorecemos o mal, que o concurso da nossa actividade evitaria.

Ha muitos, que enxotados dos partidos politicos pelas desordens que n'elles entraram, pela putrefacção que começou a eival-os, cahiram n'uma apatica independencia, e para não desagradar a antigos compadres, não tomam partido hostil ao primitivo.

Estes lembrem-se, que deicidas não foram apenas os poucos judeus que crucificaram o Salvador, foram-no tambem os que lhe clamaram o *crucifige*; que não semear e não colher, que não sachar é deixar crescer o escalracho e matar a seara, que não defender um direito que nos é disputado é perdel-o, que dormir quando o ladrão nos rodeia a casa é deixal-a roubar.

Temos **um só partido catholico-politico**, porque o catholicismo, a honradez, e o patriotismo é um só tambem.

E' necessario que os individuos, de consciencia christã lhe mettam hombros afoitamente.

A maçonaria está muito longe de dispor dos elementos, que os catholicos teem á mão. O povo portuguez é catholico, a nobreza é-o tambem; apenas a classe media que vive da sua industria e posição, está algum tanto maculada, mas ainda é possivel depural-a. O que falta são espiritos desinteressados, de abenegação, heroicos, de iniciativa que ponham em movimento todos os elementos que, mercê de Deus, ainda tem a Igreja em Portugal.

Tivessem mais zelo aquelles a quem incumbe de um modo particular defender os direitos da Egreja, que o nosso resurgimento religioso e politico seria prompto

Mas a desgraça da religião em Portugal foi, é, e será sempre a servidão politica do clero alto e baixo, cujos membros chegam a ter mais sujeição ao compadre do partido que ao Papa. Os **canes muti de Pio IX** são muitos, e os ladrões assaltam a vinha do Senhor e levam-nos uvas e cepas.

Que Santo Antonio interceda pela sua patria e implore mais zelo pelos interesses da religião a quem o deve ter, senão não sei aonde iremos parar.

E basta de politica, que, como está presentemente, não dá saude nem honra a ninguem.

Que haja mais disvelo pela nossa santa religião catholica, mais desapego politico, e menos prudencia sistematica, é o que á classe competente deseja.

Braga,—27—6—902.

O CHRONISTA DA «VOZ».

A' *Folha da Manhã*, á *Flor do Tamega*, á *Estrella Oriental*, ao *Jornal de Santo Thyrso*, ao *Partidario* e a outros collegas da Imprensa que tão amaveis tiveram para com os nossos numeros de *Janeiro*, *Fevereiro* e *Março*, o nosso agradecimento.

A *Cruz* de Vianna transcreveu o nosso artigo do fundo *O Trabalho*. Agradecemos. Agradecemos tambem á *Estrella Oriental* a transcripção dos nossos artigos *A Fé*, *Autonomia da razão*, *Sobre a questão social*, *Reacção etc.*

Aos nossos assignantes

Lembramos que o snr. Germano da Silva que por muitos annos fez parte activa do quadro administrativo da «Voz de Santo Antonio», estabeleceu-se n'uma empreza á parte, sobre a qual a «Voz de Santo Antonio» não tem responsabilidades absolutamente nenhumas.

Aproveitamos o ensejo para pedirmos desculpa aos nossos dedicados correspondentes e aos nossos numerosos assignantes — de quaesquer irregularidades que por este motivo hajam succedido no bom andamento administrativo da «Voz de Santo Antonio.»

Pedimos novamente que toda a correspondencia relativa á «Voz de Santo Antonio» seja uni-

ca e exclusivamente dirigida ao Rev.º Padre Director da «Voz de Santo Antonio» — Braga.

Rogamos ainda aos nossos bons assignantes que façam acompanhar o pagamento das assignaturas e outras cartas de importancia do respectivo numero da «Voz de Santo Antonio».

Um pequeno giro pelo Purgatorio

E' um livrinho proprio para ensinar os devotos das almas do Purgatorio a empregar os dias da semana em suffragio das ditas almas.

Custa :

De 1 a 10 cada.....	50
De 10 a 25 »	40
50.....	1$750
100.....	3$000

A Grandiosa Obra de Santo Antonio

E' um livrinho de 64 paginas, com umas lindas capas a chromolitographia, contendo — *Noticia sobre o Pão dos Pobres — Pia União de Santo Antonio — Vida de Santo Antonio — Trezena em honra de Santo Antonio e mais algumas devoções.*

E' um livrinho que esperamos vêr lido por todos.

A isso se destina pelo seu todo, até pelo preço que é só de 50 réis.

Quem o adquirir verá se não deu por bem empregada esta quantia.

As Angustias do Coração de Maria

Um excellente livrinho proprio para os devotos das dôres de Nossa Senhora. — Preço 100 réis.

Capas da «Voz de Santo Antonio»

Estão promptas para todas as séries ; 95 e 96 ; 97 e 98 ; 99 e 900 — em boa percalina dourada por 400 réis cada uma.

A PAZ D'ALMA

Pelo *P. Chaignon S. J.* Preço 500 réis.

Estatutos da Pia União de Santo Antonio, 5.ª edição. Um folheto com 32 pag. contendo, além d'uma breve instrucção sobre a Pia União de Santo Antonio, como os respectivos estatutos, algumas devoções e praticas piedosas, particularmente destinada aos membros d'esta Santa Liga. Preço de cada exemplar 10 réis.

Vida de S. Luiz de Tolosa. — Pequenas folhas de propaganda Preço de cada exemplar 5 réis com as seguintes vantagens :

Quem pagar	10	exemplares	recebe.		12
»	» 20	»	»		25
»	» 30	»	»		40
»	» 50	»	»		65
»	» 80	»	»		100
»	» 100	»	»		150

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Direcção. — Toda a correspondencia deve ser dirigida unica e exclusivamente ao Rev.º Padre Director da «Voz de S. Antonio» — Braga.

Assignatura. — 1$200 réis por anno, no reino e ilhas adjacentes; para os demais paizes accresce o importe do correio.